

Aquisição de competências pela auto-avaliação

Seminário em Viseu



Foto: Leonel Vaz | CORANE

P4 Promotores: Clientes ou Cúmplices? | P11 Festa em Covide | P14 Festa dos Vinhos de Basto

P18,19 Vamos à Praia | P20 Casais do Termo | P22 Textos Desenvolvimento Local

Após os seminários temáticos, o trabalho em rede

Dos doze grupos de proximidade constituídos no quadro das actividades da Célula de Animação da Rede LEADER II, dois realizaram já o respectivo seminário, concluindo assim todo o processo que, a partir do encontro de proximidade passou à troca de experiências, conduziu a uma acção de formação e foi concluído com a preparação e a realização de um seminário temático. A questão que surge naturalmente é: e agora? O que vão fazer estes grupos de proximidade? Será que vão desaparecer e terminar este processo de animação? Ou será que estes grupos de proximidade vão ser a base de um trabalho mais continuado no tempo? E como?

Quando elaborámos a proposta de animação nacional não pensámos que os grupos de proximidade poderiam ser outra coisa mais do que um instrumento para a realização das actividades de animação directa, facilitador de relações de proximidade entre grupos LEADER vizinhos. No entanto, sempre pensámos que a realização de seminários temáticos pelos próprios grupos LEADER, poderia ser o ponto de partida para um trabalho em rede entre as ADL e é isso precisamente que estamos a observar hoje, ao nível dos dois grupos referidos.

Assim o Grupo de Proximidade da Serra de Estrela¹ que no seminário da Guarda tinha fixado como objectivo operacionalizar um fórum de concertação com vista a uma estratégia de desenvolvimento integrado da Serra de Estrela e de enquadrar isso num projecto piloto a nível nacional, (ver as conclusões do seminário publicadas no PL nº 9 - Junho 2000) está a evoluir neste momento para um objectivo mais ambicioso. Após o seminário, foi estabelecido um contacto com seis grupos LEADER espanhóis que estão numa lógica semelhante, ou seja, a elaboração de uma estratégia de desenvolvimento integrado concertada ao nível da região das Serras da Extremadura Norte. Conscientes de que a cooperação de proximidade será um elemento chave no LEADER + e que há muitas acções que são difíceis de realizar ao nível de uma única zona LEADER (como por exemplo acções na área da promoção, da comercialização, da comunicação, etc.) estes seis grupos espanhóis já começaram a elaborar eixos estratégicos comuns e queriam partilhá-los com os grupos LEADER portugueses vizinhos.

Um primeiro encontro entre o Grupo de Proximidade da Serra de Estrela e os representantes destes seis grupos LEADER espanhóis, realizado em Vila Velha de Ródão no dia 5 de Julho, revelou todo o interesse numa cooperação entre os dois lados da fronteira, uma vez que se trata de uma

mesma unidade geográfica natural e que existem muitas semelhanças nas actividades económicas e nos produtos de ambas as zonas, com muitas possibilidades de acções comuns. No entanto, o Grupo de Proximidade da Serra de Estrela manifestou a vontade de dispor de um tempo de maturação suficiente, que lhe permita apresentar já uma estratégia comum consensualizada, antes de confrontar ideias e estratégias com os grupos LEADER espanhóis. Além disso, desta reunião e de outra entretanto realizada saiu a ideia de alargar esta reflexão a todas as ADL da Beira Interior. Daí que se vá realizar em 28 de Agosto uma primeira reunião de todas as ADL desta região com este fim.

Este processo está ainda na sua fase inicial, mas os objectivos vão bastante além dos objectivos definidos no seminário da Guarda e abrem perspectivas de um trabalho em rede de carácter regional e transfronteiriço com muito interesse. Algumas das ADL envolvidas já têm uma longa experiência de cooperação transfronteiriça no quadro do LEADER I, LEADER II, INTERREG, etc., e já conhecem os erros a evitar e os factores de sucesso de uma cooperação a longo prazo, com acções de interesse para as respectivas zonas. O processo em curso tem, portanto, todas as condições para abrir novos caminhos em termos de cooperação regional entre as ADL e de se constituir, a este nível, num processo piloto.

O segundo grupo de proximidade que já realizou um seminário temático é o Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte². Foi em Viseu, em 11 e 12 de Julho. O sucesso deste seminário, não só pelo próprio método de auto-avaliação proposto às ADL (método SAP) mas também pelas perspectivas que abre em termos de preparação de estratégias de desenvolvimento local e de um Plano de Desenvolvimento Local, despertou o interesse das ADL presentes, da Comissão Nacional LEADER e da Comissão Europeia. O seminário e as discussões e contactos que se seguiram perspectivam um trabalho em rede com várias dimensões:

→ numa dimensão nacional, o método SAP tornou-se uma referência para as ADL portuguesas. Já várias ADL manifestaram interesse em o aplicar, e diversas hipóteses de formação/difusão do método foram estudadas.

→ uma dimensão Ibérica, uma vez que a Célula de Animação Nacional espanhola manifestou interesse no método SAP e vai convidar representantes do Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte e da INDE para a apresentação do método num seminário por ela organizada em fins de Setembro, nas Astúrias.

→ uma dimensão europeia com a constituição de uma rede europeia de auto-avaliação do LEADER baseada nas diversas experiências existentes, nomeadamente a Portuguesa com o método SAP, a da Emilia Romana (Itália) e a da Baviera (Alemanha). Esta ideia de rede europeia foi discutida numa reunião do Observatório Europeu LEADER realizada em Lisboa a seguir ao seminário de Viseu e beneficiará do apoio do mesmo.

Na sequência do seminário, vai-se realizar no dia 7 de Setembro uma reunião do Grupo de Proximidade com a Célula, na qual participará igualmente a Comissão Nacional LEADER (Eng. Nuno Jordão e Dra. Rosário Serafim). Nesta reunião vão-se definir, mais concretamente, as acções a desenvolver no futuro. Publicamos neste número de PL um relato de todo o processo que conduziu ao seminário, bem como entrevistas a participantes.

Estes dois exemplos de "trabalho em rede" surgidos na sequência de seminários temáticos dão uma ideia do interesse deste tipo de actividade e da sua diversidade. Num dos casos tem mais um carácter regional e uma perspectiva transfronteiriça. Noutro, tem um carácter nacional e uma dimensão europeia. Num, tem mais a ver com acções concretas de cooperação de proximidade. Noutro, tem a ver com transferência de metodologias e com a preocupação de encontrar uma linguagem comum, quer entre as ADL, quer entre as ADL e as instâncias superiores (Ministério e Comissão Europeia).

Há que recordar ainda que além destes dois exemplos, o grupo e trabalho sobre os instrumentos financeiros surgiu, num processo semelhante, de um seminário temático realizado o ano passado, e está a desenvolver um trabalho em rede com muito interesse sobre este tema.

Provavelmente, dos próximos seminários temáticos sairão outras formas de "trabalho em rede", hoje ainda difíceis de prever. Provavelmente terão formas diferentes das que vimos surgir até hoje. Esta diversidade do que chamamos o "trabalho em rede", que hoje está em plena gestação, será, sem dúvida, um elemento chave da consolidação a longo prazo do desenvolvimento local em meio rural.

Samuel Thirion

¹ Grupo de Proximidade constituído pelas ADL ADERES, ADRACES, ADRUSE, PRO-RAIA e RUDE

² Grupo de Proximidade constituído pelas ADL ADD, ADDLAP, AD ELO e ADICES

Nota da Redacção

Que nos perdoem as notas pessoais. Mas não é todos os dias que se dá vida a uma criança. E a Rosário Aranha, nossa jornalista, no meio da produção deste número do jornal "lembrou-se" de dar à luz o Pedro. Nem isso a impediu de terminar os seus textos "nos intervalos das mamadas, das mudas de fraldas, das idas ao hospital e ao centro de saúde", como nos confessou por Email.

E a nota só serve, afinal, para isto - para dizer que estamos felizes por também termos um "bébé LEADER", para desejar à Rosário e ao Pedro as maiores felicidades, aproveitando para homenagear as muitas técnicas do LEADER que partilham a sua actividade profissional com as responsabilidades da maternidade.

O Presidente da Cáritas Portuguesa Escreve sobre Desenvolvimento Local



Há dias encontramos na página da Presidência da República, (<http://www.presidencia-republica.pt>), um texto do Dr. Acácio F. Catarino, Presidente da Caritas Portuguesa, intitulado – "Desenvolvimento Local: alguns imperativos e recomendações."

Após breve leitura, que apelou a outra mais atenta, cheguei à conclusão que seria extremamente interessante organizar uma discussão-reflexão colectiva tendo por base este texto.

Parece-me, pelas originais ou pouco comuns abordagens feitas no referido documento, algumas utilmente polémicas, outras, muito pertinentes mas pouco compreendidas e assumidas, muito poderíamos fazer evoluir o debate que, desde há uns anos se vem realizando, em torno das questões ligadas ao D.L. e à sua própria definição.

A título de exemplo, aqui vos deixamos a transcrição de uma pequena parte do texto, apenas a introdução e o ponto um, relativo aos "imperativos que justificam o DL."

Recomendamos a consulta da mencionada página para uma leitura atenta do restante.

Desenvolvimento local: alguns imperativos e recomendações

Acácio F. Catarino
Presidente da Caritas Portuguesa

A participação na comitiva do Senhor Presidente da República, em visita a alguns concelhos do Interior, suscitou-me a actualização de alguns imperativos relacionados com o desenvolvimento local (DL). Antes de mais, imperativos que justificam a existência do próprio DL; e, depois, imperativos que ele próprio encerra.

1. Imperativos que justificam o DL

Costuma dizer-se - e com razão - que a mundialização da economia, a competitividade desenfreada e a crise do desemprego tornaram imperiosa a existência de dinâmicas próprias, e algo autónomas, de DL. Através de tais dinâmicas se procuram soluções alternativas para problemas que, ainda há poucas décadas, se esperava ver resolvidos através do funcionamento da socioeconomia e das diferentes políticas.

Assim, investe-se «agora» no plano local, nas suas potencialidades e na congregação de esforços - solidariedade - que o caracteriza. Espera-se que o plano local venha a compensar insuficiências e agressões de outros espaços mais alargados.

Além deste imperativo marcado pela pressão histórica e conjuntural, existem outros que os especialistas e promotores do DL vêm salientando com uma lucidez digna de nota. Um deles brota da própria identidade pessoal, familiar e local. Chamemos-lhe identidade sociopessoal.

Obviamente, sempre existiu a consciência da identidade sociopessoal. Isto é, a consciência do ser de cada pessoa, inserida na sua família e no meio envolvente. Acontece porém que, nas décadas de «progresso linear» anteriores a meados de 70, essa consciência se mantinha adormecida, em largos estratos da população, na expectativa de vir a prevalecer uma civilização do «homo universalis» - «culto», urbano, não ligado a qualquer lugar e inserido num conjunto de regras e saberes que, simultaneamente, respeitaria e dominaria.

Esta visão mítica foi posta em causa por movimentos de origem vária, e até por dinamismos de pessoas «de sucesso» na «civilização urbana e tecnológica», que sentiam a necessidade

de um forte enraizamento na sua própria identidade. Um chegaram ao ponto de abandonar o quotidiano da aludida civilização e «regressar às origens». Outras interligaram esse quotidiano e essas origens, tendo conseguido, em maior ou menor grau, fecundar nas origens a actividade quotidiana e actualizar as potencialidades das mesmas origens através dos recursos desta actividade.

Um terceiro imperativo a favor da promoção do DL baseia-se na consciência de que afinal - e como decorre do imperativo anterior - o que é ancestral é actual, e vice-versa. Não existe uma ruptura tão profunda como se imaginava, entre um e outro, e a evolução antropológica é de tal modo lenta que só leituras superficiais proclamam avanços muito rápidos em termos de hominização.

Daqui decorre a força conjunta da identidade e da ancestralidade: não, porém, em termos de regresso ao passado, mas sim de síntese e de consistência na perscrutação do futuro e na transformação do mundo.

O quarto imperativo é análogo ao terceiro, e assenta na consciência de que o local e o global não se opõem. Ao invés, tendem para uma vivência de síntese. Daí a expressão «local», já utilizada por vários autores dentro e fora do país.

Não foi só - nem talvez principalmente - a «sociedade da informação» que trouxe consigo a consciência da «globalidade». Aconteceu, sim, a constatação moderna - científica e experimental - de que, no local, se vive, e sempre se viveu, o global, embora de maneira difusa muitas vezes e até pensando frequentemente o contrário devido à alegada «limitação de horizontes». Aliás, esta «limitação» foi imposta, em larga medida, por processos históricos que se caracterizaram por atrofiar e até oprimir o local, em nome de espaços, interesses e valores considerados superiores, quiçá transcendentais.

O quinto imperativo a favor do DL decorre exactamente do inverso da inferioridade a que se vem reduzindo o «local». É nele, com efeito, que se encontra o reduto da vida pessoal. Aí se encontram as condições mínimas de vida e de relação ou se sente o peso da sua falta. Aí se alimenta a democracia e o respeito mútuo ou se suporta o efeito das cadeias de opressão. Aí se vive a identidade própria, em articulação com a de outrem, ou se processa a sua atrofia.

[...]

Promotores: clientes ou cúmplices?

Acção de Formação na AGRA

Texto e fotos de Francisco Botelho



Quando os técnicos das associações do Minho se juntaram na Agra para a Acção de Formação prevista no quadro da Animação da Célula, o tema escolhido tinha sido "como envolver os promotores na estratégia da Associação?". E o local escolhido não foi por acaso - a Agra possui um leque de agricultores que se envolveram no projecto da criação de uma aldeia turística, fazendo um longo percurso de aprendizagem e de interiorização de conceitos e princípios. Dois deles vieram dar o testemunho do seu percurso.

A reflexão iniciou-se em volta da divisa (reduzida) - Promotores, clientes ou cúmplices? E procurou questionar a ligação entre os técnicos e a população bem como a percepção que as populações têm do que as Associações pretendem. Porque "o desenvolvimento só se faz com as pessoas; só o humano se pode desenvolver..." foi mais uma vez afirmado com plena adesão dos presentes.

O Dr. Boaventura Fernandes, um médico veterinário natural da Agra e o Sr. Francisco Alves, promotores de turismo rural na povoação deram o seu testemunho do relacionamento com o LEADER. Tudo começou quando se quis fazer um Centro Paroquial e o arquitecto da Câmara exigiu que fosse feito em granito para não destoar do conjunto. Começou então a falar-se da necessidade de transformar a Agra em aldeia turística. A ATAHCA surgiu com o apoio do LEADER e com o "modelo de casas que tínhamos de fazer". E o projecto prosseguiu, sempre com uma relação próxima entre técnicos e promotores, numa cumplicidade que se revelou a todos indispensável à

execução de um projecto de desenvolvimento. E os promotores foram os primeiros a testemunhar a riqueza dessa relação que não deixou de ser enriquecedora para os próprios técnicos como logo reconheceram.

O papel dos mediadores, na relação entre a Associação e as populações em geral foi um dos elementos abordados. E o exemplo das autarquias veio também à discussão, revelando-se o caso da Agra como um elemento positivo, já que a Junta de Freguesia e a Câmara Municipal foram e são parceiros empenhados no projecto.

A relação entre a Associação de Desenvolvimento e os promotores foi então analisada em três fases. Uma primeira, introdutória, tem que ver com a seriação e selecção dos projectos e dos promotores. E foi referida a necessidade de ajustamento dos promotores com a especificidade dos projectos (um retrato psico-social dos promotores é um bom instrumento de selecção). Uma segunda fase, de desenvolvimento do projecto, exige uma relação próxima e intensa entre o técnico e o promotor, com uma disponibilidade que nem sempre é possibilitada face às inúmeras tarefas em que estão envolvidos. Finalmente, uma última fase de maturação, surge sempre que o promotor se apaixona pelo projecto, transformando-se rapidamente no primeiro divulgador das potencialidades e da estratégia da associação.

Numa fase terminal da implementação do LEADER II, a continuidade do trabalho não poderia deixar de ser abordada. E a necessidade de construir um Plano de Desenvolvimento Local em que os promotores fossem plenamente envolvidos - cúmplices efectivos da Associação - ocupou a reflexão de todos. A Comunicação aos Estados Membros sobre o Programa LEADER + enquadrou

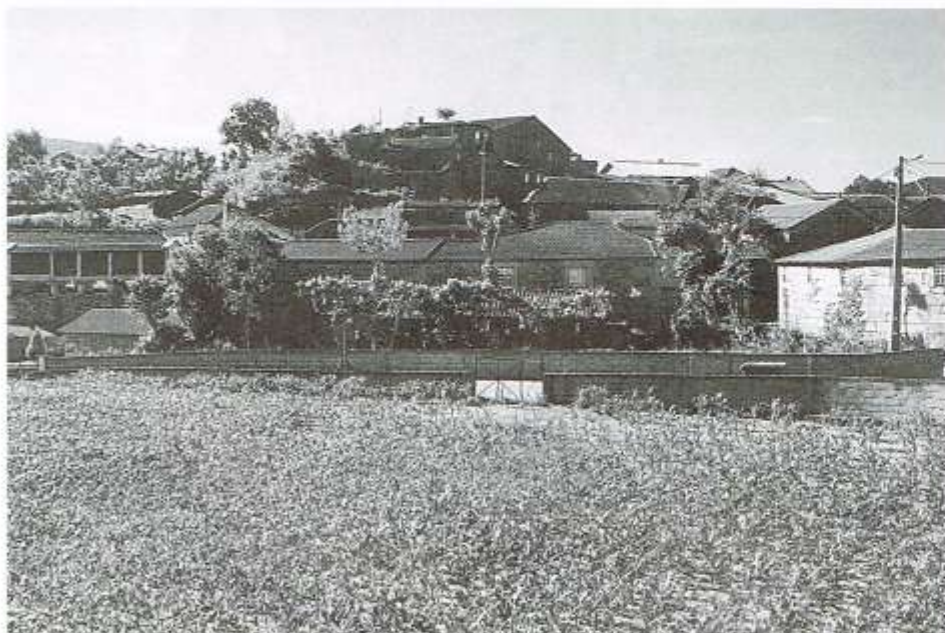
a reflexão sobre alguns dos princípios essenciais do desenvolvimento local. E pareceu a todos essencial que se construísse um documento de análise, ao nível dos princípios daquele documento. Um "vademecum" sobre o LEADER+.

Mas não foi só isto a acção de formação na Agra. Foi também o agradável convívio dos técnicos, a visita a alguns dos projectos implementados na Agra e em Rossas pela Sol-do-Ave, guiados pelo amável (e sensível) Presidente da Junta; as agradáveis refeições no novo restaurante da povoação (vivamente recomendável pela qualidade do espaço e pela irrepreensível cozinha), a simpatia das gentes da terra. Não foram aquelas malfadadas duas horas agarradas ao televisor para assistir à derrota de Portugal frente à França e tudo teria sido perfeito...

Nota: Na acção de formação da Agra apontou-se como tema para o Seminário a análise dos princípios inscritos na Comunicação aos Estados Membros sobre o LEADER + como base da construção de um Plano de Desenvolvimento Local. Reunião posterior do Grupo de Trabalho entretanto constituído, efectuada em Viseu, fixou este tema: Os diversos instrumentos de apoio ao desenvolvimento local (comunitários e nacionais) disponíveis para a intervenção das Associações de Desenvolvimento.

Estiveram na Agra: Albano Vingada (ADRIL), Ana Paula Xavier (Adriminho), Boaventura Fernandes (promotor na Agra), Camilo Mortágua (CAL), Dalila Brandão (promotora ADRIL), Fernando Dias (ATAHCA), Francisco Alves (promotor na Agra), Francisco Botelho (CAL), Francisco Calheiros (ADRIL), José Antunes (ATAHCA), José Mota Alves (ATAHCA), Mafalda Cabral (Sol-do-Ave), Paulo Cristina (ATAHCA), Rui Rafael (CNG), Teresa Ramadas (Sol-do-Ave)

A Aldeia da Agra



Perdida no sopé da Cabreira, a Agra cresceu anónima como todas as aldeias do interior. Mesmo ali ao lado, uma outra aldeia - Bucos - mereceu nos anos 60 a designação da segunda aldeia mais portuguesa de Portugal. Nem por isso gozou o privilégio. Com os tempos, as características de arquitectura e vivência rural que a levaram à ribalta foram cilindradas pela introdução das casas dos emigrantes e é, hoje em dia, uma aldeia como qualquer outra.

Não sucedeu o mesmo com a Agra. Manteve a sua vivência rural, a agricultura baseada no milho, no centeio e no gado. O rigor do clima não permitia sequer a fruta, que os habitantes procuravam nos vales mais abrigados de Cabeceiras e da Póvoa. Com o tempo, a Agra foi morrendo aos poucos, cada vez mais desertificada e mais degradada.

Aos que ficaram e aos poucos que a visitavam, uma só ideia surgia - a Agra dava uma bela aldeia turística. No início do LEADER I, a ATAHCA escolheu-a para um dos seus pólos dinamizadores do turismo rural. E os habitantes aderiram com empenho. Em conjunto, técnicos da associação e habitantes empreenderam um longo caminho. A recuperação tinha que ser feita com extremos cuidados, mantendo as características rurais da arquitectura e a vivência local. As dependências do rés-do-chão, tradicionalmente para uso agrícola e para os animais foram transformadas em zona de estar e apoio de cozinha. O andar superior transformado em quartos de habitação. Incompreensões de organismos públicos tiveram que ser vencidas - a ideia de que era possível fazer em Agra um turismo de qualidade foi conquistada a pulso. Em 1995 havia já duas dezenas de quartos disponíveis e o sucesso foi-se construindo.



Do LEADER I para o LEADER II a Agra passou das mãos da ATAHCA para as do SOL-DO-AVE. Mas o projecto continuou porque a vontade e o entusiasmo das populações não esmoreceu. Hoje há mais quartos na Agra. E surgiu um delicioso restaurante que complementa a oferta local.

Estar em Agra é um fascínio. O silêncio, a calma, os ares, os cheiros remetem-nos para um mundo mais puro e natural. O conforto e o gosto dos alojamentos é a garantia da tranquilidade. E ninguém é incomodado. As populações locais continuam a fazer o seu dia a dia de gentes do campo. De manhã saiem os rebanhos, à noite regressam às cortes. De quando em vez cruzamo-nos com alguém - a saudação é obrigatória, não poucas vezes ouve-se um "salve-o Deus". O café tem um pouco de tudo e vende o artesanato que a dona e a filha confeccionam. Ao fundo, um bilhar entretém os mais urbanos.

À volta, a natureza - a Cabreira e o Ave - são uma fonte inesgotável de descoberta. E o restaurante serve uma das melhores carnes do país. O paraíso? Não, apenas um dos muitos paraísos que ainda se podem descobrir neste país.

Onde vale a pena ir passar uns dias. Onde valeu a pena, seguramente, passar três dias em amena discussão sobre o trabalho das Associações de desenvolvimento. Porque Agra é um exemplo. Um exemplo de qualidade na execução do projecto. Um exemplo de querer de técnicos e de população. Um exemplo de parceria entre associações e promotores. Agra é a prova de que transformar, inovar e desenvolver é possível.

F.B.



No momento em que se fecha este número do jornal, estamos ainda longe de tirar todas as conclusões e ensinamentos do seminário sobre "Aquisição de competências pela auto-avaliação" que decorreu em Viseu nos dias 11 e 12 de Julho, onde as quatro ADL do Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte (ADD, ADDLAP, AD ELO e ADICES) apresentaram o método SAP (Sistematização da Auto-avaliação Participativa) e foram discutidas questões relacionadas com a sua utilização e o seu interesse, tanto a nível local como contributo para as avaliações realizadas a nível nacional e europeu.

Este seminário foi extremamente rico em termos de conteúdo, ideias e debates e não existem propriamente conclusões do seminário em termos formais, mas sim uma série de opiniões e propostas sobre o método SAP e sua utilização e divulgação no futuro. Por essa razão nos limitamos aqui a dar uma informação geral sobre todo o processo de génese do método SAP e as perspectivas que abre. Também publicamos algumas entrevistas realizadas com intervenientes de diversos perfis, casos de uma técnica de uma ADL, do Presidente da Comissão Nacional LEADER, do Chefe da Unidade de Avaliação da DGAGRI da Comissão Europeia, do responsável pela avaliação do LEADER em Portugal e do responsável do LEADER na região Emilia Romana em Itália, onde está também a ser aplicado um método de avaliação participativo dos grupos LEADER. Estas entrevistas dão uma ideia da diversidade das opiniões que foram expressadas durante o seminário e da riqueza dos debates e propostas que daí saíram.

Viseu 11 e 12 de Julho 2000

seminário

"Aquisição de competências pela auto-avaliação"



Em termos de perspectivas para o futuro, foi várias vezes referido no seminário o interesse das ADL de outras zonas do país em aplicar o método, apesar de um certo receio ("temos muito medo de nos avaliar"), e certas interrogações sobre as dificuldades que podem surgir na aquisição do método e na sua aplicação. Face a estas solicitações, as quatro ADL do Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte manifestaram a sua disponibilidade para apoiar as ADL que estiverem interessados e isso foi reafirmado na sessão final por Regina Lopes que apresentou algumas conclusões em nome das quatro ADL: "Nós, como grupo mais envolvido e que já trabalhou, há algum tempo neste processo, estamos disponíveis para transferir o método. Temos consciência que primeiro temos que o apurar em definitivo, que há questões que podem ser melhoradas, como já concluímos, mas que ele pode ser transferido. Podemos tentar fazer um esforço de organização e vamos sugerir o seguinte: que as associações leiam com atenção o guia, se tiverem achegas a dar acerca do método seria interessante, estamos receptivos. No início do mês de Setembro, veríamos quem está interessado em aplicar o método e quem, de facto, precisa do nosso apoio, podendo então organizar umas sessões de trabalho em local e data a combinar."

Nesta perspectiva o Grupo de Proximidade reunir-se-á a 7 de Setembro, com duas preocupações: por um lado afinar o método na base das diversas observações e ensinamentos tirados durante o seminário e, por outro, definir e organizar um programa de trabalho para a transferência do método às ADL que manifestaram interesse, compatível com a disponibilidade dos técnicos envolvidos.

O seminário abriu também perspectivas interessantes na utilização do método SAP para montar estratégias territoriais e Planos de Desenvolvimento Local ao nível de um território LEADER. Há aí muitas questões avançadas no seminário, nomeadamente as propostas apresentadas por Jean-Louis Chomel, da Comissão Europeia, e que merecem ser ainda mais trabalhadas. Há que referir, também, que o interesse manifestado pela Comissão Nacional LEADER, nomeadamente pelo Eng. Nuno Jordão, pode ser um elemento decisivo para facilitar a sua valorização a vários níveis.

Finalmente, é importante referenciar o muito interesse que o método despertou fora do país. Por um lado, os diversos participantes estrangeiros no seminário manifestaram claramente esse interesse (ver entrevistas). Na sequência do seminário realizou-se uma reunião em Lisboa, promovida pelo Observatório Europeu LEADER, na qual ficou decidido o apoio à constituição de uma rede europeia de auto-avaliação do LEADER, incluindo, além da experiência Portuguesa, a da Emilia Romana e a da Baviera. A ideia é transferir elementos metodológicos e encontrar "denominadores comuns" entre estas diversas experiências, bem como estender/difundir os métodos de auto-avaliação em outras regiões e países. Por outro lado, a Célula de Animação espanhola manifestou já interesse na divulgação/adaptação do método SAP em Espanha, e uma primeira colaboração está a ser definida para apoiá-los neste sentido.

Face a estas diversas perspectivas, a Célula de Animação LEADER / INDE pretende dar todo o apoio que estiver ao seu alcance para responder a estes diversos desafios. Nomeadamente, iremos, em colaboração com o Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte, produzir uma série de material de apoio complementar, não só para a afinação, divulgação e aplicação do método, como também para apoiar/difundir o processo em curso, utilizando os diversos recursos e meios de comunicação de que podemos dispor (jornal, site internet, CD Rom, etc.).

S.T.



continua na pág. seguinte

De Mangualde a Viseu,

génese e ascensão de um método de auto-avaliação



Durou o tempo de uma gestação. Quase. Veio à luz, nos dias 11 e 12 de Julho. Foi em Viseu. Do círculo anónimo de um conjunto de entendidos passou para a cena LEADER nacional. Para assistir ao seu nascimento, deslocaram-se peritos de Bruxelas e de Itália. Batizaram-no Método SAP (Sistematização da Auto-avaliação Participada). Tem por pais o Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte (ADD, AD ELO, ADDLAP e ADICES) e por padrinhos, a Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II.

De Mangualde a Viseu são cerca de 15 quilómetros. Entre a Acção de Formação de Mangualde e o Seminário Temático de Viseu, a CAL e as quatro associações do Grupo de Proximidade - ADD, AD ELO, ADDLAP e ADICES, multiplicaram os encontros, realizando inúmeras reuniões de trabalho: primeiro para afinar conceitos, depois para afinar o método de auto-avaliação. Muito rapidamente tornou-se evidente que este método conseguia conjugar uma vertente prática e uma vertente pedagógica. Para além de se construir, peça a peça, uma metodologia, os grupos adquiriam competências. Não é estático, é flexível. O seu utilizador tem que assumir um papel activo, que poderá ser redobrado por um espírito de intervenção. A intervenção é uma outra característica mestre do SAP. O sistema requer a participação. Quem diz participação, diz acção. O Grupo de Acção Local, a Associação, os Parceiros podem todos ser agentes actantes ao serviço do desenvolvimento local. Ou seja, compete a todos entrar no processo de auto-avaliação para melhorar a sua intervenção local no futuro, não repetindo os erros do passado.

Porquê Viseu? Porquê este seminário? É a quarta etapa da Animação Directa da CAL. É isso e bem mais. À medida que o processo avançava, o grupo realizava a importância e a dimensão do seu trabalho. O interesse prolongava-se para além da escala local, tratava-se de um assunto de âmbito nacional. Os grupos LEADER de todo o país tinham que ser iniciados ao método. E assim, a Comissão Nacional de Gestão, ciente do valor do método, deu eco aos apelos do Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte e da CAL. Resultado: iriam estar presentes cerca de 30 associações LEADER do país. Longe das terras e das fronteiras portuguesas, nos círculos europeus de Bruxelas a notícia sobre este trabalho também já corria os corredores. Suscitou curiosidade e atraiu a presença em Viseu de peritos como o chefe da Unidade de Avaliação da DG / AGRI, Jean-Louis Chomel; o director-adjunto do Observatório Europeu LEADER, Jean-Pierre Vercausse, e a chefe da Unidade Coesão Social do Conse-

De Mangualde a Viseu, gênese e ascensão de um método de auto-avaliação



continuação da pág. anterior



lho da Europa e ex-coordenadora do Observatório, Gilda Farrell. Ao lado dos notáveis estrangeiros, a lista dos oradores nacionais também era reveladora, contando com o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural, Vítor Barros; o presidente da Comissão Nacional de Gestão, Nuno Jordão e o coordenador do Estudo de Avaliação do LEADER, António Oliveira das Neves.

Entre a simples exposição e a discussão em mesa redonda, o seminário assumiu definitivamente o seu papel pedagógico, integrando quatro momentos dedicados ao trabalho em grupo, permitindo, assim, a abordagem do método na sua vertente mais participativa. A cada grupo de trabalho correspondia uma associação monitora / animadora. Afinal a prova de fogo das quatro associações pioneiras acontecia nestes círculos mais restritos, longe das sessões plenárias. Este também iria ser o espaço privilegiado para as associações iniciadas exporem as suas dúvidas, questões e críticas, relacionadas com o método de auto-avaliação apresentado. Afinal o método não era fechado, os seus arquitectos não se auto-proclamavam donos da verdade, antes pelo contrário, mostravam-se abertos a toda a espécie de crítica construtiva.

O desafio lançado foi tomado à letra tanto no quadro dos workshops, como também, o próprio chefe da Unidade de Avaliação da DG / AGRI, Jean-Louis Chomel, decidiu intervir. Neste caso, o objectivo do perito era demonstrar a utilidade da última etapa do método na preparação para um futuro Plano de Desenvolvimento Local (PDL). Partindo de uma análise SWOT do território, trata-se de definir os pontos fortes, os pontos fracos, as oportunidades e as ameaças para o território. Dentro de um quadro geral de actividades, reserva-se um espaço para uma intervenção LEADER. A questão à qual convém responder é como o LEADER pode ser um instrumento activo ao serviço do desenvolvimento local? O LEADER como estratégia-piloto dentro de uma

estratégia global. Por outro lado, há que introduzir outro vector de avaliação, constituído pela diferença entre aquilo que é esperado e o resultado atingido por cada acção dentro de um plano estratégico para o desenvolvimento. Esta análise terá que ser feita periodicamente, de forma a ajustar a acção à realidade instituída ou em movimento.

Depois de tanta discussão e de tanta reflexão, o futuro do método esteve em causa. Mais precisamente, o futuro junto das associações LEADER, interessadas em aprender. As quatro associações do Grupo de Proximidade, com a colaboração da CAL, passavam a assumir o papel de formadoras do método SAP junto das associações. Durante o seminário, muitas associações mostraram-se dispostas a receber essa formação. Há vontade, mas o como e o quando restam incógnitas. O futuro em aberto, agendaram-se os próximos encontros.

Refira-se que o presidente da Comissão Nacional de Gestão sublinhou, mais que uma vez, a relevância do instrumento. Pois, para Nuno Jordão, além de poupar oito meses de trabalho às associações, "esta auto-avaliação participativa tem um interesse fundamental, no sentido da aprendizagem para que cada uma das associações se conheça melhor a si própria e reconheça melhor o trabalho que está fazendo, e tem uma relação directa / imediata com a fase de planeamento que se avizinha." Esta avaliação do método foi apoiada por António Oliveira das Neves, responsável pela avaliação intercalar do LEADER II, segundo o qual o SAP constituiria um excelente trabalho de casa para interferir na avaliação que eles estão a conduzir. Para bom entendedor, meia palavra basta.

Maria do Rosário Aranha

Entrevistas

Eles :

Jean-Louis Chomel
Ana Alexandre (Rota do Guadiana)
António Oliveira das Neves
Luca Marangoni
Nuno Jordão

Perguntas:

1. A sua opinião sobre o Seminário.
2. A sua opinião sobre o Método.
3. A sua opinião sobre o futuro do Método.
4. A sua opinião sobre a vertente participativa do Método.
5. Uma experiência italiana.
6. A sua opinião sobre o Grupo de Trabalho de Beira Litoral Norte.
7. O papel pioneiro de Portugal.
8. O fantasma da avaliação.



Jean-Louis Chomel
Chefe da Unidade de Avaliação da DGAGRI da Comissão Europeia

1. É interessante conhecer grupos de acção local que se apropriaram de um método de avaliação, e agora, afirmam-se dispostos a transmitir os resultados dessa experiência a outros grupos. Entre uns e outros revela-se, de imediato, um desfasamento. Dum lado, encontram-se pessoas que já discutiram profundamente os conceitos, e doutro lado, os iniciados precisam de ser tranquilizados quando são confrontados com uma novidade. Aqueles que não fizeram a auto-avaliação têm medo. O ensinamento a retirar consiste na implementação de uma pedagogia que servirá para demonstrar o valor e a utilidade daquilo que os quatro grupos, em questão, exploraram. O que está por fazer é um trabalho pedagógico. Pessoalmente, o que me interessou mais refere-se à quarta etapa do método. Em conjunto com outras pessoas, fizemos uma proposta que pretende ir ainda mais longe. Agora, resta saber se pode ser integrada. Refira-se também que foi feito aqui um apelo a nível nacional. Há que reagir a isso. Um seminário pode ser um novo ponto de partida.
2. Em termos de método, é importante que seja utilizado. Torna-se mais interessante ainda, quando ao utilizar um método se atingem resultados junto dos GAL, e junto dos níveis

superiores : regional, e até nacional. E quem sabe, a nível europeu? Quanto ao método, as pessoas estão a apoderar-se dele. Isto quer dizer que responde a uma necessidade e que poderá ser utilizada em sítios diferentes. Em termos de método, é necessário retomar a Etapa 2, as perguntas de avaliação das especificidades. Aí falta aprofundar e precisar. Neste momento, o método está a ser utilizado em Itália, na região de Emilia-Romana e na região do Piemonte. Em França estão a experimentá-lo nas regiões de Aquitaine e da Vallée de la Loire. Refiram-se também os casos da Irlanda, da Baviera e da Suécia. Aos poucos, descobrimos que já houve tentativas feitas um pouco por todo o lado. Amanhã vai decorrer uma reunião em Lisboa, na INDE, com a maior parte dos representantes dessas experiências. O que se revela interessante em Portugal, é o facto de haver só uma região, a nível nacional, o que permite experimentar a possibilidade de divulgação mais alargada do método. Ademais, a nível de Portugal, desenvolveu-se um trabalho mais aprofundado com os quatro GAL. O nosso objectivo é ver se este método funciona, como é que as pessoas o integram e, a seguir, ver quais são os resultados possíveis a nível regional ou nacional. Trata-se de um processo lento. A problemática da avaliação do programa LEADER constitui um desafio. Não é só uma questão de avaliar as acções e os resultados das acções, mas é também, a avaliação de

um método para se chegar a uma acção. Há que avaliar dois eixos. Por cima disso, há o bot-up, e daí o duplo desafio.

3. Há uma reflexão pedagógica para transferir e há uma reflexão sobre a utilização do método. Assim que começar o novo programa, importa descobrir o modo de utilização do método, a sua adaptação ao LEADER+, para depois se proceder a um salto qualitativo. O que conta é a divulgação pedagógica e a reflexão contínua para melhorar algo que se torna verdadeiramente performante. Não quereria dar-lhe o nome de auto-avaliação, mas sim de avaliação contínua. Quando digo contínua, não quer dizer que se faz o trabalho fundamental, permanentemente. Existem pontos de referência e é importante apontá-los e também estabelecer datas para fazer o ponto da situação. É um método entre o acompanhamento, e a resposta à pergunta, « será que os efeitos procurados acontecem? ». Como nos encontramos ao nível local, podemos pôr esta questão em períodos próximos. Isto não acontece a nível regional ou nacional, pois implica um trabalho pesado. Daí sermos obrigados a limitar-nos a duas ou três avaliações em sete ou oito anos. A nível local, pode ser interessante, porque se vê a reacção muito rapidamente. As pessoas têm um conhecimento tal dos seus territórios, que vale a pena ter uma avaliação mais contínua.



Ana Alexandre
Técnica da Rota do Guadiana

1. Correu bastante bem, em termos de organização. Criou polémica e isso é fundamental para a evolução do conhecimento. Se tivésemos todos de acordo não se evolui. Considero a iniciativa bastante positiva por ter partido de 4 associações que conseguiram encontrar um consenso, criar este método e a forma de o transmitirem. Foi o momento indicado para transmitir a evolução dessa aprendizagem que fizeram em conjunto.
2. Sempre tive como ideia, que é fundamental avaliarmos o nosso próprio trabalho para podermos progredir. Se não se faz esta auto-avaliação, seja com este método ou com outro, tem de existir sempre esse elemento de auto-avaliação do nosso trabalho. É isso que nos permite alcançar novos objectivos e percorrer o caminho que estipulámos. Este método terá que

ser adaptado, cada região terá que adaptá-lo às suas realidades, mas o facto de permitir a participação aberta, não só dos elementos das associações, mas também de todas as entidades que participam neste processo, permite uma avaliação para a progressão. Como elemento de aprendizagem é fundamental. Os grupos de trabalho correram bem, pelo menos aquele a que eu assisti. As pessoas não aderiram muito facilmente à metodologia proposta, propuseram alterações ao método de trabalho, os exercícios propostos não foram feitos tal como tinham sido pensados, mas introduzimos alguns elementos de inovação e uma abordagem mais pessoal para tratar o tema. Estes workshops são fundamentais como metodologia para abordar o tema. Os grupos, geralmente, funcionam melhor quando são pequenos, permitem maior expressão e maior participação e maior apetência à participação do que as sessões plenárias, que, por vezes, criam alguma inibição. A existência destes grupos de trabalho é fundamental

para se chegar um pouco mais longe: permitiu a discussão, permitiu a abordagem de diferentes pontos de vista, a introdução de alguns elementos, polémica até, que tem de ser entendida como focos de reacção para estimular aqueles mentes mais "adormecidas".

3. Vou tentar, ao nível da minha associação, que ele venha a ser posto em prática, devidamente adaptado à realidade de lá. Terá de passar por uma reunião do GAL. Irei transmitir todos os conhecimentos que aqui adquiri, apresentarei o Guia e explicarei mais ou menos o tipo de abordagem. A partir daí, em consenso e em conjunto veremos qual a melhor forma de fazer passar o método ou alargar a metodologia no âmbito da associação para fora dela.



António Oliveira das Neves
Responsável pela Avaliação do LEADER em Portugal

1. O seminário é uma iniciativa bastante útil, na perspectiva do trabalho das associações que estão a gerir os PAL. Esta ideia de adquirir competências pela via da auto-avaliação pode trazer resultados importantes para consolidar o trabalho, que está a ser desenvolvido, e sobretudo, para ajudar a preparar melhor a intervenção das entidades locais na próxima geração do LEADER, nomeadamente no que se refere aos aspectos de melhor preparação técnica dos documentos que vão ser apresentados, beneficiando contributos mais alargados das várias entidades parceiras.
2. O método tem virtualidades bastante grandes. Algumas componentes do método deviam fazer parte do trabalho quotidiano das entidades locais, de há muito tempo a esta parte. Creio que algumas delas terão, não sobre este modo, formalizado, utilizado metodologias semelhantes no tipo de trabalho que foram fazendo: concepção dos PAL, desenvolvimento da sua própria actividade. O problema que se coloca aqui, é, por um lado, generalizar este método a todas as entidades locais, a partir desta experiência da Beira Litoral, e por outro, garantir que o método possa percorrer todas estas etapas. Há algum receio que as exigências técnicas e de processos de participação que

o método traz, possam demover, ou pelo menos, quebrar o entusiasmo, à medida que vão sendo percorridas as etapas do método. Finalmente, quanto às questões de aperfeiçoamento do método, numa perspectiva mais pessoal, penso que alguns aspectos de natureza mais qualitativa, podem ainda ser objecto de uma transferência para o lado do quantitativo. Significando isto que este tipo de métodos, para ter depois ressonância noutras patamares da avaliação, têm vantagem em evoluir para indicadores de natureza mais qualificada. O exemplo mais acabado disso, tem justamente a ver com a diversificação de actividades, que é uma das áreas-chave, nomeadamente do LEADER II. O outro tem a ver com a própria formação de competências e com os níveis de qualificação. Quando nós estamos a falar no património das ADL, em termos físicos, de recursos técnicos e humanos, julgo que é possível quantificar isso por essa via, nomeadamente no que se reporta aos níveis de qualificação, níveis de habilitação, etc. Há aí um percurso que permitiria talvez fugir à tentação de submeter tudo ao ensaio de classificação de 1 a 5. Há ali, de facto, um conjunto de componentes e, sobretudo, de sub-componentes que pode ser facilmente quantificável e sem perder a riqueza do método, que é justamente a intervenção e portanto a participação das várias entidades parceiras, dando a sua opinião, que é sempre, necessariamente, qualitativa. É possível fazer evolui-la no sentido de uma

melhor quantificação. Digo melhor, porque é mais fácil percorrer depois outros patamares da intervenção das entidades locais e também dos próprios processos de avaliação. Uma das coisas que esteve em discussão foi a articulação possível entre a auto-avaliação e a avaliação ex-post. Essa articulação será tanto mais intensa, quanto nós conseguirmos passar de descritores a indicadores quantificados a alguns destes exercícios que estão nas etapas do método.

3. A Célula de Animação tem um papel decisivo, porque, de alguma forma, o método nasce também por estímulo da Célula e, pelo menos, de acompanhamento e de enquadramento. A própria Comissão Nacional de Gestão, no modo como se pronunciou sobre o método, sem assumir uma função administrativa ou dirigente pode, através dos mecanismos de divulgação que este programa tem, fazer chegar o método às outras entidades. Nós próprios na responsabilidade de avaliação do programa, que temos, no próximo relatório vamos fazer uma referência circunstanciada ao método, apresentando-o como um dos valores acrescentados do trabalho dos GAL. Estamos a falar aqui, pelo menos, de 3 elementos que poderão contribuir para uma divulgação do método em relação às outras entidades locais, que são responsáveis pelas outras zonas de intervenção.



Luca Marangoni
Responsável LEADER na Emilia Romana, Itália

1. É uma iniciativa muito interessante, sobretudo porque é de cariz nacional.
2. Eu trabalho na área da avaliação e o que me interessou mais foi o método apresentado, o tema da avaliação das sub-componentes: a percentagem de ponderação, a pontuação de 1 a 5. Todos os parâmetros estão presentes, mas não a maneira como se podem medir. É interessante ver como se passa da subjectividade à objectividade. Este método poderá ser útil para a nova programação. Por exemplo, o GAL pode utilizar este método para avaliar a situação presente, no ano 2000. Na programação seguinte, poderá reflectir sobre o modo para desenvolver mais o seu território e começar assim a fazer uma previsão para o ano 2006. Quando se proceder à avaliação intercalar em 2003 e à avaliação final, em 2006-2007, será possível aplicar de novo o método.

3. É muito importante que apliquem este método. Nós já aplicámos a avaliação das especificidades LEADER, segundo a metodologia do Observatório, com os quatro GAL da minha região. Os resultados revelaram-se muito interessantes, porque quando ainda não se utilizou o método, não é possível compreender verdadeiramente a dimensão do método em produzir resultados, avaliar a sua eficácia. Não é preciso o acordo de todos, o método pode sofrer modificações, pode ser melhorado. O importante é começar para obter um resultado. Enquanto ninguém tiver experimentado a sua aplicação, podem continuar a falar sobre o método e não avançar.

5. A auto-avaliação é útil, sobretudo para os grupos. Para nós, por exemplo, a nível regional, é interessante para obter certas informações, para fazer uma avaliação a um nível mais alargado. Para os grupos é importante, porque estimula a reflexão, para mudar e sobretudo

para preparar a nova programação. A participação de todo o GAL e de todos os parceiros é importante.

6. Trabalhámos durante mais de seis meses. Não foi fácil, a metodologia do Observatório é importante. Entre os GAL, houve aqueles que fizeram participar os parceiros, especialmente, políticos. Os outros não tiveram tempo de proceder dessa maneira e limitaram-se à participação dos técnicos. É uma metodologia que se pode aplicar daqui um ano, daqui a dois anos. Depois da primeira vez, é sempre mais fácil a aplicar, todos já a conhecem, é só preciso ver o que mudou e se é possível recolher as informações de sujeitos que ainda não tinham participado.

7. O grupo pôs os alicerces, que construíram a metodologia. Já a conhecem melhor do que os outros. É importante ser-se pioneiro.



Nuno Jordão
Presidente da Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER

1. A minha apreciação relativamente ao seminário, acho que correu bastante bem, despertou o interesse das pessoas. Uma das razões porque ele correu bem foi pelo interesse do método, que é um excelente método de auto-avaliação. É muito útil. A auto-avaliação é sempre necessária, é uma questão de a fazer mais disciplinadamente e mais metodicamente e conseguir melhores resultados. Em termos de futuro, viu-se já pelo interesse despertado por várias associações, estiveram aqui a maioria das associações LEADER, o que demonstra já o seu interesse. Eu creio que há um potencial neste método para se alargar ainda mais a todas as associações, inclusivamente àquelas que não estiveram, não só para melhorar o seu trabalho, mas para se conseguir construir uma imagem

geral de todo o programa a nível nacional, que é aquela que me interessa mais, naturalmente.

7. É uma questão de estarmos orgulhosos sobre isso. Eu participei no primeiro seminário, organizado pelo Observatório Europeu, em que se discutiu essa temática da auto-avaliação e da avaliação em geral do programa e das suas especificidades. Isso foi lançado a todos os países e Portugal, ou melhor uma parte, o que para mim é um bom indicador da pujança que o programa tem em Portugal e da maturidade que também já se está a assumir pelas ADL. Quando se começa a avaliar é já depois de uma fase de haver um trabalho efectivo que se começa a pensar na avaliação em termos futuros. Estamos já nessa fase aqui em Portugal.

8. O fantasma da avaliação é geral, existe de facto e por culpa de avaliações que não são feitas correctamente, pela maneira como são interpreta-

das, como foi referido pelo representante da Comissão Europeia: a separação entre avaliação e controlo. Há muitas pessoas que têm essa tendência, pensam sempre na avaliação no sentido crítico, quando ela às vezes é crítica, mas sempre no sentido positivo. É preciso reconhecer os erros para se poder emendar. O medo que isso poderá causar nas pessoas, é atenuado um pouco por ser uma auto-avaliação, não há aquela questão do juízo independente, e também, pelo maior conhecimento do que é a avaliação e pela prática que se faz, à medida que a pessoa se rodeia mais de um problema começa a compreendê-lo melhor e a vê-lo mais como um instrumento de ajuda à gestão, que é o que deve ser e não como um instrumento de punição ou de julgamento com efeitos negativos.

Uma festa em Covide

Inauguração de Projectos Leader da Atahca



foto: ATAHCA

O dia estava triste e chuvoso. Nestas alturas, o Monte da Calcedónia, lugar mítico das gentes do Gerês, é ainda mais imponente. O maciço granítico surge quase opressivo por sobre as nossas cabeças, impondo um respeito solene pela natureza envolvente.

Ao lado da estrada, porém, a vida corre alegre como se o Verão não se escondesse. As gentes de Covide enfeitaram o recinto do Centro de Artes Tradicionais de Covide e as artesãs andam numa azáfama no seu interior, cuidando de tudo com esmero. É dia importante para a colectividade, dia em que vão ser inauguradas novas valências e se recebe a visita do Secretário de Estado da Agricultura e do Desenvolvimento Rural.

O motivo é, de facto, a inauguração de dois novos edifícios, que vêm complementar a unidade já existente. E que revelam o dinamismo da Associação Pedras Brancas na valorização dos produtos locais e na dinamização de actividades geradoras de emprego.

Um dos edifícios diz respeito à produção do linho e vai permitir uma mais eficaz e rápida feitura do fio. Covide tem vindo, de há uns anos a esta parte e mercê do incremento da tecelagem, aumentando a sementeira de linho, que agora já ronda por uns três hectares anuais. Sabendo como é difícil e moroso o processo de produção artesanal do fio de linho, as gentes de Covide, com o apoio dos serviços do Ministério da Agricultura e da ATAHCA, adquiriram e montaram em instalações novas algumas máquinas, que permitem tratar em menos tempo maiores quantidades de linho. Mais concretamente, estes processos mecânicos vão interferir na "malha" do linho, na "espadelada" e na "fiação". Mecanismos simples mas eficazes, que vão permitir às artesãs uma muito maior rapidez sem diminuir a qualidade e o toque manual do produto.

O outro edifício é uma estufa de secagem de ervas aromáticas, uma das produções mais promissoras da Associação.

Os dois edifícios, principalmente aquele que se destina ao linho, marcam a diferença relativamente aos outros que albergam o Centro. É uma forma de ser pedagógicos, diziam pessoas



foto: ATAHCA

ligadas à ATAHCA referindo-se ao contraste entre as duas arquitecturas presentes - uma tradicional e outra "moderna".

O Secretário de Estado chegou tarde, com a sua comitiva. Uma visita demorada a projectos da ATAHCA que passaram por um campo de linho na freguesia produziram mais de duas horas de atraso. Mas nem isso esmoreceu a festa. Recebido pela Presidente da Associação Pedras Brancas, Vítor Barros fez uma demorada visita às instalações, inteirando-se de todo o trabalho desenvolvido.

A inauguração das instalações fez-se de forma solene, acompanhada das canções tradicionais entoadas pelas artesãs e pelo carinho da muita gente que juntou este dia único na vida de Covide e das suas gentes.

Uma homenagem a D. Adelaide Soares

A figura tutelar da D. Adelaide Soares impõe-se. Discreta e serena concentra em si todas as atenções e carinhos. É a ela que todos se dirigem, quer para a felicitem quer para lhe pedirem indicações. E ela, sempre calma, a todos dá atenção numa delicadeza de grande senhora. Era dela o orgulho de ver a obra crescer e solidificar-se, de ver o reconhecimento pela obra feita. Era dela a alegria de contar com tantos amigos à volta da obra da sua terra. Era dela a confiança de saber que o caminho por ela iniciado não deixará de ser percorrido pelas mulheres e homens que se revêem naquela obra.

O dia foi também um dia de reconhecimento dos "grandes e poderosos". À entrada do edifício que iria ser inaugurado foi descerrada uma lápide que reza assim: "A Câmara Municipal de Terras de Bouro e a ATAHCA homenageiam a D. Maria Adelaide de Freitas Soares pela dedicação e empenho colocado a favor do desenvolvimento da freguesia de Covide, verdadeiro exemplo do que deve ser feito para dinamizar as zonas rurais mais desfavorecidas."

E nas palavras proferidas na sessão solene as opiniões foram unânimes. "A D. Maria Adelaide é o símbolo de que precisamos nas nossas terras..." referia José Araújo, o Presidente da Câmara de Terras do Bouro; "A D. Adelaide é uma pessoa de convicção e as pessoas são o mais importante no desenvolvimento..." afirmaria Vítor Barros, o Secretário de Estado do Desenvolvimento Rural.

E a D. Adelaide, discreta, serena, ouvindo e solidificando a certeza de que outras iniciativas virão "porque ainda há tanto por fazer. Assim nos ajudem..."

Francisco Botelho



texto e fotos:
Corane
[Leonel Vaz]

O Tempo as PESSO



Corane

Existe uma estranha relação entre estes três elementos de uma Trindade que não sendo Santíssima, não é menos misteriosa.

O tempo, se o deixarem, corre veloz, desalmadamente, sem ninguém saber de onde vem e para onde vai. As pessoas, essas, correm a trás do tempo, que lhes falta quando mais dele precisam, e lhes sobeja quando não faz falta. E os lugares? Bom, esses, vêm o tempo passar ou deixam que o tempo passe por eles ...quando deixam.

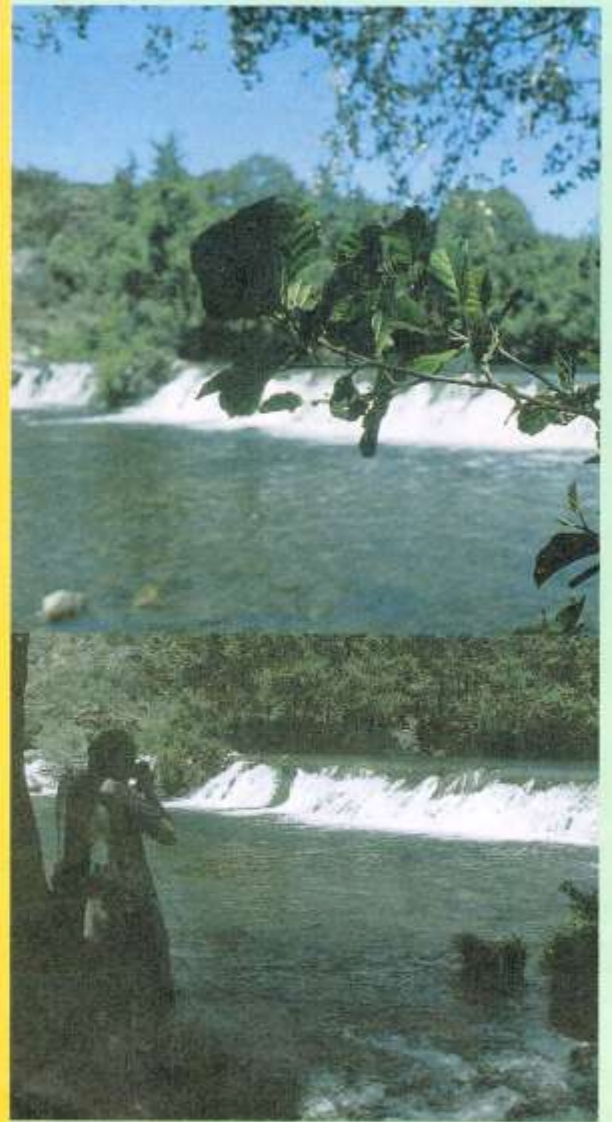
O tempo passa.... por vezes pachorrentamente, como pachorrento era o pastar daquelas vacas nos lameiros à entrada de Fontes, que a tia Maria vigiava, ao mesmo ritmo, enquanto o que, com duas agulhas ia entrelaçando uns fios de lã que um dia serão meotes e aquecerão os pés de algum dos netos, quando o inverno chegar, sempre com aquele vagar de quem tem para trás séculos de existência e pela frente todo o tempo do mundo.

O tempo passa, ...mas felizmente que não com a mesma velocidade por todos os lugares. Por alguns parece mesmo que nunca passou ou então passou tão de vagar que ao passarmos nós por eles parece que entramos noutros tempos.... É essa a sensação que nos fica quando da Mofreita para a Moimenta atravessamos a Serra da Coroa em todo o seu selvagem esplendor, que de tão imensa e silenciosa nos faz sentir tão pequenos!!!!

O tempo passa... mas nalguns lugares parece que não passa, ou então passa lentamente, ao ritmo das águas tranquilas do rio Tuela,... ou do Rio Maçãs; Tão lentamente que parece que ainda estamos vendo os moleiros na sua azáfama de moer o grau naqueles moinhos da Mofreita, da Moimenta ou de Quintanilha, obra notável de aproveitamento dos recursos da natureza sem lhe causar a mínima beliscadura...

O tempo passa... mas por alguns sítios parece que não.... Aquela calçada romana, ainda lá está; aquela ponte medieval, também... cumprindo hoje já não as mesmas funções de outrora, pois apesar de tudo algumas coisas mudaram. Já não passam lá as carros de cavalos das legiões romanas, é certo, nem os carros de bois da nossa saudade... mas enfim... sempre se pode passar a pé... e se ninguém por lá passar, a culpa não é, seguramente, da ponte, que continua unindo as margens, nem da calçada, que lhe continua dando acessohonra seja feita a homens que se recusam a ver passar o tempo ...

... como aquele sapateiro de Vale de Frades, ... ou o caldeireiro, que martelando uma folha de cobre faz aquelas maravilhas; a caldeira onde se faziam as sopas das alheiras, o pote de alquitarra do qual brotava, aquela fiozinho de água... ardente... e outras mais que decorarão a entrada das casas dos senhores das cidades....



Corane

das e os Lugares.

O tempo corre... mas algumas pessoas fazem questão em querer abrandar a sua marcha. É que correr assim também não é bom. Na sua louca correria, o tempo tudo atropela, tudo leva na sua frente, deixando-nos, quando deixa, a memória das coisas...

E, para que a memória não se perca definitivamente, tenho que vos falar também de uns "triteiros" que insistem em devolver às aldeias as suas próprias memórias, num Movimento que, sendo de oposição ao tempo, tem muito mais de progresso que de retrocesso.

O tempo passa ... e algumas pessoas vão com ele... como é o caso daquele cantoneiro da Estrada de Vimioso...que só espera o final do ano para arrumar a gadanha com que cortava as ervas da berma E com ele... é o fim dos cantoneiros naquela estrada. Alguns têm o privilégio de serem os primeiros. Este tem o privilégio de ser o último....

Bom... e da acção de formação ...de recolha e registo fotográfico destes sítios e lugares a que um dia um mestre das letras chamou de reino Maravilhoso, é o que se me ocorre dizer; para mais não me dá o engenho e a arte.

Poderia ainda dizer-vos que o céu estava de um magnífico azul, pincelado com algumas manchas brancas, que os campos estavam, ainda, verdes, salpicados do amarelo das giestas, do azul das urzes, do dourado das cearas - poucas, é certo, mas algumas...e fazia um calor infernal.

O resto é de somenos importância.

Bragança, 19/8/2000

Leonel Vaz

concepção e direcção de projecto:
adriano rangel/CAL • tel.: 22 616 65 70
fax: 22 616 65 79 • e-mail: jrangel@esoterica.pt



A Festa do Vinho

Texto e fotos de Francisco Botelho

Tudo começou em 1994, quando a PROBASTO decidiu, na sequência da sua estratégia de promoção dos Vinhos de Basto, lançar uma grande acção de promoção junto do público local para um dos principais valores da sua produção agrícola. E porque na nossa cultura, nada melhor do que o Vinho para enquadrar as relações sociais, o modelo escolhido foi o da Festa. Um ambiente descontraído e alegre onde o Vinho, a gastronomia e a cultura popular da região tivessem um tratamento conjunto, proporcionando aos visitantes um saudável "banho" nos valores de Basto.



A primeira edição, em Cabeceiras de Basto, foi promissora e a ideia de lhe dar continuidade, de uma forma rotativa entre os quatro concelhos da região, foi uma decisão imediata. Desde esse ano, a Festa do Vinho tem-se peregrinado por Cabeceiras, Celorico, Mondim e Ribeira de Pena, enquadrada em espaços diversificados, mas sempre com uma organização coordenada pela Associação de Desenvolvimento e cada vez mais afirmada no contexto regional.

Coube este ano a Mondim de Basto acolher a Festa do Vinho. Mondim de Basto é, dos concelhos de Basto, o mais cosmopolita. Uma política local de incentivo às actividades turísticas e de dinamização dos espaços urbanos concelhios, leva a Mondim, todos os anos, muitos milhares de veraneantes, estando inscrita em alguns circuitos internacionais como um dos pontos de interesse no norte transmontano. O Parque de Campismo e o Parque Natural do Alvão foram os primeiros enquadramentos deste fluxo. A Senhora da Graça, monte tutelar de Basto, com o Rali de Portugal e a célebre etapa da Volta a Portugal em Bicicleta, tem sido um dos melhores divulgadores do concelho. As modernas infra-

estruturas de lazer do Parque de Lazer do concelho, apoiadas em parte pelo LEADER, têm enquadramento, nos últimos anos, a animação de Verão de Mondim de Basto.

Não é de estranhar, assim, que a Festa do Vinho em Mondim seja das mais concorridas. Este ano montada no recinto da Escola local, na sequência das Festas do Concelho e enquadrando o dia da subida à Senhora da Graça da Volta a Portugal, a Festa do Vinho recebeu mais de uma dezena de milhar de visitantes, que a partir do fim da tarde encontraram a possibilidade de saborearem a boa gastronomia da região, acompanhada pelos bons vinhos de quinta ali produzidos, sempre com um espectáculo de animação promovido pelos grupos dos quatro concelhos.

O modelo da Festa é simples e eficaz. Os visitantes têm a possibilidade de fazer uma refeição tradicional (dos milhos ao cabrito) servida por uma estrutura montada por uma instituição de solidariedade local que assim encontra uma forma complementar de financiamento ou então optar por uma tábua de carnes grelhadas, neste caso carne maronesa e barrosã, servidas pelas respectivas associações de criadores. Mas se o apetite não é muito, sempre se pode recorrer ao bom salpicão ou ao presunto que os produtores locais colocam à disposição. Ou aos doces regionais, designadamente o belíssimo pão de ló e cavacas, sempre indispensáveis nas festas minhotas e transmontanas.

Para regar tudo isto, os visitantes podem aceder ao vinho dos mais de uma dúzia de produtores de Quinta que estão a colocar no mercado os belos brancos de Basto, um tinto cada vez mais valorizado, um rosé fresquíssimo e um champanhe branco e tinto que, apesar da escassa produção, se começa a afirmar como uma das melhores revelações deste manancial único de sabores que são os vinhos de Basto.

A partir das dez, um dos muitos grupos musicais da região faz a animação. E a Festa dura até às tantas (as portas fecham oficialmente à meia noite), numa confraternização permanente. A Festa do Vinho é já um ex-libris de Basto, um dos momentos mais marcantes da divulgação dos seus produtos e, sem qualquer dúvida, um elemento essencial da promoção da imagem e da identidade da região.

Projecto Aurora

Campanha Europeia de Sensibilização sobre a Violência Doméstica

A violência doméstica existe em todos os países e atinge todas as classes sociais. É o sintoma mais visível da desigualdade de poderes nas relações entre homens e mulheres.

Um estudo recente demonstrou que 98% das vítimas de violência doméstica são mulheres e que uma em cada cinco mulheres já foi, pelo menos uma vez, vítima da violência exercida pelo marido ou companheiro.

Durante mais de 20 anos as ONG de todo o mundo lutaram para denunciar a violência contra as mulheres e conseguiram que a questão se conte hoje entre as prioridades da agenda política da União Europeia, enquanto continue a ser tabu para muitas famílias, nomeadamente nos meios rurais onde valores culturais mais conservadores ligadas à família e ao casamento se mantêm.

No âmbito das iniciativas de combate à violência contra as mulheres, a Comissão Europeia lançou uma Campanha de Sensibilização sobre a Violência Doméstica que procura mobilizar a opinião pública para uma atitude de "Tolerância Zero" em relação ao fenómeno. A campanha dirige-se à população em geral e aos agressores e vítimas em particular.

O projecto Aurora está em curso na Margem Esquerda do Guadiana e conta com o apoio das Câmaras Municipais de Moura e Barrancos e com os órgãos de comunicação social, nomeadamente a Rádio Voz da Planície e o Diário do Alentejo.

Assim, a Rota do Guadiana, na qualidade de promotor do Projecto Aurora, realizou um Colóquio Transnacional em Moura, a 13 de Julho. O evento constituiu a acção de maior visibilidade desta campanha local e teve como objectivo principal informar, sensibilizar e promover a partilha e troca de experiências sobre os avanços jurídicos nesta matéria, bem como os serviços e programas existentes em Portugal.

ROTA DO GUADIANA

Viagem pelas Culturas Alentejana e Estremenha

A ALIENDE - Associação para o Desenvolvimento Local leva a cabo em Agosto, em parceria com a ADERCO - Associação para o Desenvolvimento Rural da comarca de Olivença, uma iniciativa genericamente denominada "Viagem pelas Culturas Alentejana e Estremenha". Esta iniciativa está inserida no projecto GIT (Gabinete de Iniciativas Transfronteiriças) do INTERREG II e visa a promoção, divulgação e dinamização das actividades artesanais e de todo o património cultural, designadamente as danças e cantares da zona da ADERCO e da ALIENDE.

As acções incluídas nesta iniciativa desenvolvem-se em dois períodos. Entre 1 e 6 de Agosto e inserida na Semana Cultural de Olivença, a ALIENDE deslocou àquela localidade uma exposição de artes e ofícios tradicionais alentejanos, patente no Museu Etnográfico "Gonzalez Santana", que foi complementada com actuações do "cante alentejano" Grupo Coral dos Trabalhadores de Montoito e do rancho folclórico da Casa do Povo de Évoramonte.

Entre 8 e 26 de agosto deslocaram-se ao Redondo, Montoito e Évoramonte uma exposição de artes e ofícios tradicionais estremenhos. O encerramento, a 25 de Agosto no Redondo, contou com a actuação dos Ranchos Folclóricos da Casa do Povo de Évoramonte, da Casa do Povo do Redondo e do Grupo Coral "Cantares de Évora", bem como do Grupo de Coros e Danças de Olivença "La Encina". A 26 de Agosto e inserido no XVII Encontro de Grupos Corais actuou igualmente o Grupo Coral "La Abarca" de Bancarrota.

Um Colóquio sobre o tema "As Artes e Ofícios tradicionais. Contributo para o desenvolvimento Rural e para a Criação de Emprego" será dinamizado no final do mês de Agosto.

ALIENDE

Inauguração do Pavilhão de Vales do Rio

Foi necessário esperar pelo mítico ano 2000 para que o Pavilhão Polidesportivo de Vales do Rio, no concelho da Covilhã, fosse uma realidade. Esta obra, iniciada em 1986, tem uma área coberta de cerca de 1500 m² com 300 lugares sentados, estando equipado para qualquer modalidade desportiva, bem como para actividades recreativas e culturais.

O pavilhão foi financiado pelas autarquias locais, nomeadamente pela Câmara Municipal da Covilhã, e pelo Programa LEADER, através da RUDE - Associação de Desenvolvimento Rural - sendo um equipamento fundamental para uma freguesia que tem mais de 1000 habitantes e que apresenta as maiores percentagens de jovens de toda a Cova da Beira. Depois das habituais palavras das entidades oficiais, a inauguração foi abrilhantada pela actuação do Rancho Folclórico de Vales do Rio e da Secção de Karaté do Sporting da Covilhã, seguido de um lanche para toda a população e convidados.

RUDE

Festival de Arte Camachense

O Largo da Achada na vila da Camacha acolheu, entre 11 e 15 de Agosto o Festival de arte Camachense, desta feita na sua 12ª edição.

Trata-se de um evento cultural cuja organização está a cargo da Casa do Povo da Camacha. Este ano contou com um programa diversificado com uma noite dedicada à música tradicional, com actuação do Grupo "Encontros da Eira" e de grupos de fora da região.

O Festival contou com uma mostra do artesanato camachense e uma actuação de bandas na noite de sábado.

A música foi uma constante do Festival, com a actuação de grupos folclóricos no domingo, a música académica, com o Núcleo Académico da Casa do Povo na segunda e o jazz e a música experimental na terça.

Como actividades paralelas, houve iniciativas de teatro, música clássica e desporto. Várias tasquinhas asseguram a presença da gastronomia da região.

ACAPORAMA

Centro Partilhado de Teletrabalho

A ALIENDE, através do seu Centro Partilhado de Teletrabalho esteve presente na EXPOREG 2000, que decorreu de 12 a 16 de Agosto em Reguengos de Monsaraz, com o objectivo de dar a conhecer as actividades desenvolvidas pelo Centro e sensibilizar a população para uma nova modalidade de trabalho.

O Centro, que se encontra inserido no Plano Local de Intervenção denominado "Entre Nós", no âmbito do Programa de Iniciativa Piloto de Promoção Local de Emprego no Alentejo, promovido pelo instituto de Emprego e Formação Profissional, encontra-se em funcionamento desde Janeiro de 2000 em Reguengos de Monsaraz e assume como principais objectivos inserir jovens à procura do primeiro emprego e jovens desempregados no mercado de trabalho, aproximar as zonas rurais de grandes empresas nacionais e internacionais e desenvolver na região competências em novas tecnologias da informação e comunicação, apostando no teletrabalho.

ALIENDE

REALIZADAS

IV GÓISARTE

Góis
14 a 16 de Julho
 Organizada pela ADIBER em colaboração com a Câmara Municipal de Góis e a Extensão Educativa. Mostra internacional de arte, abrangendo todas as formas de expressão artística. O certame teve duas vertentes principais: a "Arte ao Vivo" em vários locais da vila de Góis e exposições permanentes com obras dos artistas participantes.

III FEIRA DE ARTESANATO E PRODUTOS LOCAIS ESTRELA-SUL

Cortes do Meio
20-23 de Julho
 Com a organização da ADERES realizou-se em Cortes do Meio, Covilhã, no respectivo Pavilhão Multiusos, a 3ª edição da Feira de Artesanato e Produtos Locais Estrela-Sul.

FACECO 2000

Odemira
21-23 de Julho
 Feira das actividades Culturais e Económicas do concelho de Odemira, incluindo a XIV Exposição Monográfica de Bovinos da Raça Limousine, o XIII Concurso nacional Oficial da Raça Limousine, exposição de raças autóctones (bovino Alentejano e cabra Chamequeira) Feira de actividades económicas, artesanato, turismo, gastronomia.
 Debates sobre "Turismo Natureza", "Horticultura no Sudoeste" e "Suplementação alimentar em engorda extensiva de bovinos".

FESTA DOS VINHOS DE BASTO

Mondim de Basto
26-30 de Julho 2000.
 No recinto da Escola EB 2,3,Sec. de Mondim de Basto, realiza-se a 7ª edição da Festa do Vinho, uma iniciativa da PROBASTO com a parceria, este ano, da Câmara Municipal de Mondim de Basto. Ocasão para conhecer os vinhos de Basto e os produtos locais da região.

FEIRA DA SERRA DE VERÃO

São Brás de Alportel
28-30.Julho.2000
 Feira da Serra de Verão com a diversidade de produtos e artesãos do interior algarvio.

FESTA DO LINHO

Ribeira de Pena
4-6 de Agosto
 Organizada pela Câmara Municipal de Ribeira de Pena e pela Unilsete, com o apoio da PROBASTO, realizou-se a segunda edição da Festa do Linho que pretende recuperar a tradição da tecelagem no concelho e promover junto do grande público os produtos locais.

VIII FACIG

Góis
5-13 de Agosto
 A ADIBER – Associação de Desenvolvimento de Góis e da Beira Serra em colaboração com a Câmara Municipal de Góis, organiza a VIII FACIG – Feira Agrícola, Comercial e Industrial de Góis, que decorreu de 5 a 13 de Agosto no Parque do Cerejal

DO COSMOS AO SOLO

ARTE E SABEDORIA PARA A VIDA DE TODOS OS DIAS
 Quinta do Carvalhal, Arnóia, Celorico de Basto
12-19.Agosto.2000
 Primeira semana de cultura biodinâmica, pretendeu proporcionar um conjunto de actividades de sensibilização para uma vivência do quotidiano aberta e atenta ao cosmos, à terra, ao reino das plantas e à sua utilização na alimentação e na terapia.

XVII ENCONTRO DE GRUPOS CORAIS

Montoito
26 de Agosto
 Organizado pelo Grupo Coral dos Trabalhadores de Montoito realizou-se naquela povoação mais uma edição do Encontro de Grupos Corais.
 Reunindo 12 Grupos, o Encontro foi iniciado por um desfile na Praça 25 de Abril, seguindo-se a actuação em palco instalado no Parque Infantil da Vila.

A REALIZAR

FESTA DO NOSSO PÃO

Cuba
1-4 de Setembro
 A Associação terras Dentro e a Câmara Municipal de Cuba organizam a Festa do Nosso Pão promovendo o Pão tradicional alentejano, integrado na feira Anual de Cuba.
 Nesta edição de lançamento decorrerá um Concurso de Pão tradicional e uma exposição intitulada Terra Mãe, filho Pão.

AS LIÇÕES DO LEADER

O Observatório Europeu LEADER organiza três seminário com o tema "Partilhar as lições da Iniciativa LEADER". O primeiro realiza-se em Cumbria, Lancashire, no Reino Unido de 14 a 18 de Junho (línguas de trabalho EN/DE/ES), o segundo em Heraklion, Creta, na Grécia de 28 de Junho a 2 de Julho (línguas de trabalho GR/IT/FR) e o terceiro de **27 de Setembro a 2 de Outubro** em Jutland, na Dinamarca (línguas de trabalho EN/FR).

Contacto:
 +32 2 27364960; organisa@aeidl.be;
<http://www.rural-europe.aeidl.be/>

PESCA É NO CENTRO...

Praia da Tocha, Cantanhede
23-24.Setembro.2000
 Concurso de Pesca pela Câmara Municipal de Cantanhede e pela Associação Regional das Beiras da Pesca Desportiva.
 Inscrições: ARBPD
 Tel/fax: 239 404 395

FESTIVAL DA TRADIÇÃO

Santarém
28 de Setembro - 1 de Outubro
 O primeiro Festival da Tradição e I Encontro Ibérico de Jogos e Desportos Tradicionais e Feira Nacional de Artigos e Produtos Tradicionais vai ter lugar no CNEMA, em Santarém. Animado com espectáculos populares envolve actividades como a matança do porco e largada de touros e tem na actividade dos Jogos tradicionais a sua principal originalidade, prevendo uma intensa animação com a população escolar.
<http://www.aproder.com>

2ª FEIRA DA AGRICULTURA BIOLÓGICA, DE AMBIENTE E DA QUALIDADE DE VIDA

PORTO 2000
 Mercado Ferreira Borges, Porto
29 de Setembro - 1 de Outubro
 Iniciativa do Carrefour Norte de Portugal

CIRCUITO TEMÁTICO

"A APANHA DOS MÍSCAROS"
21-22.Outubro.2000
 A descoberta da variedade dos cogumelos e do seu valor gastronómico através dos carvalhais e pinhais da região do Barroso.
 Contactos: NaturBarroso
 Terreiro do Açogue (Castelo),
 5470 MONTALEGRE
 tel. 917431058/965663068
probarroso@probarroso.jazznet.pt

OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE

UNIVERSIDADE RURAL EUROPEIA

11-15 de Setembro
 A URE decorrerá em Derry, na Irlanda do Norte (Reino Unido) e terá como tema principal "A diversificação rural: agricultura e silvicultura).
 Contacto: T. 00 44 2871 375620;
eru@eircom.net

I FORUM MUNDIAL AGROTURISMO E TURISMO RURAL

Perugia, Itália
17-27 de Setembro
 Numa organização de diversas instituições da Região da Umbria, no centro de Itália, este fórum Internacional pretende fazer uma

análise à presente situação do sector do agroturismo e turismo rural, bem como das perspectivas de futuro.
 Informações detalhadas:
<http://www.uniop.it/uni/unifac/agrania/forum/index.htm>

MUNDO RURAL: TRANSFORMAÇÃO E RESISTÊNCIA NO SÉCULO XX

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
27-28.Outubro.2000
 Organizado pelo Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa e pelo Instituto de História Contemporânea o Colóquio Internacional vai tratar a Problemática dos Movimentos Sociais rurais, os Campos: permanências e Mudanças, Acção e Ideologia nos campos e Resistência e Conflito.
 Contactos:
 Centro de Estudos de Etnologia portuguesa
 Avenida de Berna 26-C, 1050 LISBOA
 tel. 217933519 / fax. 217977759

FEIRA DE ARTESANATO DO SARDOAL

20-24 DE Setembro
 Organizada pela Comissão para a Promoção e Desenvolvimento do Artesanato do Sardoal e pela respectiva Câmara Municipal, realiza-se a XII Mostra de Artesanato daquele concelho de 20 a 24 de Setembro.
 Efectuada no espaço da Praça Nova, a Feira deste ano bvai contar com modernos stands e ser alargado ao artesanato de todo o país. Paralelamente à Feira vai ser realizada uma Galeria de Profissões cujo objectivo é estimular o aparecimento de novos postos de trabalho, ligados a profissões já extintas ou em vias de extinção.

EUREGIA - DESENVOLVIMENTO LOCAL NA EUROPA

25-28 de Outubro
 A EUREGIA é um congresso e uma feira internacional sobre desenvolvimento local que terá lugar em Leipzig, na Saxónia. Alguns dos temas abordados serão "desenvolvimento regional integrado e sustentável", "planeamento regional", "cooperação transnacional", "marketing das regiões". A exposição mostrará projectos que são exemplos de boas práticas em vários domínios: novas tecnologias; produtos locais, protecção dos recursos naturais, serviços de proximidade. Mais informação (em alemão) em <http://www.euregia.de>.
 No âmbito da EUREGIA a Unidade LEADER Alemã está a programar um seminário e uma exposição sobre projectos LEADER. O seminário que decorrerá no dia 27 de Outubro terá como tema "Novas estruturas nas relações rural/urbano – uma oportunidade para as zonas rurais?"

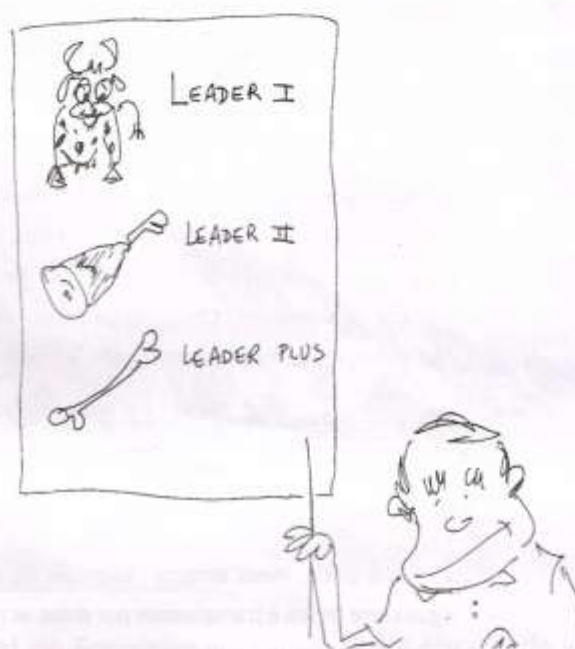
Mur de Bretagne a 6 e 7 de Julho

Seminário Nacional fez o balanço do LEADER II em França e apontou objetivos para o LEADER +



les leçons du
Professeur Guigou

Les acquis
Serie météorologique



A Unidade Nacional de Animação do LEADER II de França, em conjunto com o Centre National pour l'Aménagement des Structures des Exploitations Agricoles - CNASEA, organismo denominado de "operador técnico" do Programa LEADER II, organizaram por conta da "Délégation à l'Aménagement du Territoire et à l'Action Regionale - DATAR (organismo de coordenação inter-ministerial dependente do Primeiro Ministro, que coordena o LEADER) um Encontro Nacional destinado a expor os resultados já conhecidos referentes ao LEADER II e, ao mesmo tempo, divulgar a Candidatura Francesa ao LEADER + já entregue à Comissão Europeia.

A convite da Unidade Francesa de Animação, participamos neste Seminário, que reuniu à volta de 600 pessoas, representados pelo nosso companheiro Camilo Mortágua.

O Seminário decorreu num dos mais aprazíveis lugares da Bretanha, a cerca de 50 quilómetros de Brest, num centro de férias de características marcadamente rurais, com excelentes instalações complementadas com um enorme "chapiteau" ou se preferirmos, uma enorme tenda de circo, onde se serviam aos almoços e lanches volantes, os produtos locais e regionais de toda a França.

Faz-se menção deste aspecto, porque entre nós não é muito frequente fazer algum esforço de imaginação para que os "seminários e encontros do Desenvolvimento Rural" aconteçam em espaços a condizer com os temas em discussão.

Os trabalhos foram organizados em oito grupos temáticos, duas mesas redondas e seis sessões plenárias, para debater essencialmente os seguintes temas:

1. A mobilização e a participação dos actores locais nos projectos territoriais: que ambições, que realidades, que condições?
2. As administrações e os actores locais: que dinâmicas para as parcerias?
3. Os Grupos de Acção Local (GALs): os actores públicos e privados na partilha das decisões.
4. Inovar, imaginar, experimentar: em que condições ?
5. Como e porquê a diversidade das acções LEADER constituem um projecto integrado?
6. Da animação à orientação/gestão de projectos territoriais: quais as "missões" (vocações, incumbências), quais competências, que instrumentos?
7. Meter-se em rede: motivações, riscos, instrumentos, para qual valor acrescentado?
8. Que aberturas, que valor acrescentado se retira da cooperação trans-nacional?

Conforme se pode constatar, os temas de discussão em França não são muito diferentes dos que entre nós se costumam debater. (Se alguém estiver interessado podemos diligenciar no sentido de obter as conclusões destes trabalhos logo que sejam distribuídas).

Podem igualmente obter toda a informação sobre o LEADER em França através do site: <http://www.resealeader.com>.

Estiveram igualmente representadas as Células de Animação LEADER de Espanha e Itália, o Observatório Europeu, a Comissão Europeia e todas as entidades relacionadas com o Desenvolvimento Rural, Regional e Local a nível Nacional como Regional de França.

O humor de Mohammed Chahid, personagem habitual dos encontros LEADER em França e não só, de quem muito apreciamos a espontaneidade e rapidez com que constrói os seus "bonecos" e encontra a "ironia" das situações, é um instrumento precioso de animação de reuniões. Nesta página vos deixamos alguns exemplos, se quiserem mais....peçam para: arpa@inetch.fr

Vamos à Praia...

Embalados no calor do Verão, lançámo-nos todos por essas terras adentro na busca de uns momentos reparadores. As férias, que todos os anos cumprimos respeitosamente, servem ao menos para isso, para (nos) revermos nos locais de referência, para (nos) descobrirmos o mundo que vale a pena viver, para (nos) reencontrarmos as pessoas que todos os dias deviam fazer parte das nossas vidas.

A busca incessante dos locais à beira mar é uma tradição sedimentada a partir do século passado. A pouco e pouco, porém, o interior vai-se afirmando como um destino alternativo, mercê da tranquilidade, da possibilidade de regresso à natureza, das potencialidades do património cultural, da diferença. E também da crescente oferta de serviços de apoio nas mais diversificadas áreas.

É o caso dos equipamentos de lazer que proliferam por todo o interior e que proporcionam, muitas vezes em condições únicas, a moderna fruição dos tempos livres. São os equipamentos hoteleiros, a belíssima e genuína gastronomia, as piscinas, as zonas de lazer, os serviços culturais, os percursos de natureza, um sem número de oportunidades de ocupação.

As praias fluviais são um caso concreto de apoio ao lazer no interior. Que o digam os milhares de jovens que durante o Verão se deslocaram aos Festivais de Música do interior. As imagens de uma juventude buliçosa nas Praias de Vilar de Mouros, de Paredes de Coura ou do Ermal encheram as páginas da Imprensa e os noticiários das Televisões.

As oportunidades são aos milhares. Muitas mais do que as que conhecemos, muitas mais do que as que divulgamos. Mas que estas, pelo menos sejam um incentivo.

Vamos à praia, meus amigos! Às praias do interior, onde a água corre fresca e transparente por entre as rochas e as margens verdes dos rios e ribeiros de Portugal.

T.B.

Para ler à beira rio...

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
vai para um mar muito longe, para o pé do fado,
Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente.
E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantem a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbulo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim - 'beira rio - ,
Pagã triste e com flores no regaço.

Ricardo Reis



Praia Fluvial dos Olhos de Água

Alcanena

O rio Alviela tem a sua nascente no maciço de Porto de Mós, onde constitui a ressurgência dos Olhos de Água.

É aqui, num enquadramento único da natureza, que se encontra uma das melhores praias fluviais do País. Trata-se de uma zona de veraneio e lazer pensada para o usufruto de todos, com total respeito pela natureza.

Com vigilância permanente durante a época balnear (1 de Julho a 15 de Setembro), esta praia usufrui um número significativo de serviços: Parque de campismo, Bar/Restaurante, Parque de Merendas, Ringue de Areia, Circuito de manutenção, Parque Infantil, Balneário e instalações sanitárias e Parque de estacionamento.

Para além disso, é possível dispor de vastas zonas verdes envolventes às margens do Alviela bem como visitar o Cachão Cárstico da Ribeira de Amiais.

Acesso: A 5 Km da sede do concelho de Alcanena, na estrada de ligação Alcanena / Malhou, em direcção a Amiais de Baixo.



Caneiro

PROBASTO



Ranha

PROBASTO



Cabeceiras de Basto

PROBASTO



Casas Novas

PROBASTO

A bacia de Basto é marcada pelo Tâmega e pelos seus afluentes. E se o Tâmega é hoje um curso de água sujeito à carga poluente de uma população significativa, os seus afluentes, que escorrem das montanhas, mantêm ainda uma invulgar qualidade ambiental. E é nestes cursos de água que têm vindo a ser instaladas algumas modernas estruturas de praias fluviais, estruturas altamente mobilizadoras para as populações locais, para os milhares de emigrantes que se deslocam à sua terra natal no período de Verão e para os muitos veraneantes que procuram Basto nas férias.

Praia Fluvial do Caneiro

Caneiro. Arco de Baúlhe, Cabeceiras de Basto

O local, designado por Praia fluvial do Arco de Baúlhe, é utilizado desde sempre por centenas de banhistas que utilizam as águas puras do rio Ouro.

Com um enquadramento paisagístico único e um acesso fácil, mas íngreme, a Praia fluvial do Caneiro possibilita condições apropriadas de acesso à água, zona dedicada a crianças, zona para barcos de recreio, sanitários, serviço de recolha de lixo e parqueamento para viaturas.

A praia fluvial é apoiada por estabelecimento com bar e restaurante.

Acesso: Estrada nacional 206, no Arco de Baúlhe, direcção Vila Pouca, a 500 metros do centro da vila.

Promotor: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto

Apoio do Programa LEADER I

Praia Fluvial da Ranha

Ranha, Cabeceiras de Basto

Uma das zonas tradicionalmente com mais utilização pelas gentes de Basto, a Praia fluvial da Ranha está instalada em torno de uma pequena ilha do rio Peio, desdobrando-se por uma extensa área do rio.

Dotada de zona para adultos e para crianças, a Praia fluvial possui instalações sanitárias, recolha de lixo, e zonas utilizáveis por barcos de recreio.

Acesso: Em Cabeceiras de Basto tomar a direcção de Póvoa de Lanhoso. A cerca de 3 km à direita.

Promotor: Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto

Apoio do Programa LEADER I

Praia Fluvial do Freixeiro

Celorico de Basto

No centro da vila de Celorico de Basto, esta praia fluvial aproveita um trecho do rio Freixeiro e está integrada numa moderna zona de lazer recentemente implementada, com a proximidade de um conjunto significativo de estruturas como as Piscinas Municipais, a Biblioteca, a Estação de camionagem e o Complexo da Quinta do Prado.

Acesso: Centro da Vila de Celorico de Basto

Promotor: Câmara Municipal de Celorico de Basto

Apoio do Programa LEADER II

Praia fluvial de Borba

Borba, Celorico de Basto

Pequena Praia Fluvial situada na ribeira de Santa Natália, em Borba, possui parque de estacionamento e acesso pedonal a partir da estrada.

Acesso: Estrada Municipal 617

Promotor: Junta de Freguesia de Borba

Apoio do Programa LEADER I

Praia Fluvial de Veade

Veade, Fermil de Basto, Celorico de Basto

Instalado no rio Veade, junto a Fermil de Basto, esta praia fluvial beneficia de um invulgar enquadramento natural e possui zona de estacionamento e de lazer anexas.

Acesso: A partir da Estrada Nacional 304, na povoação de Fermil e em direcção a Mondim de Basto, caminho municipal à esquerda.

Promotor: C. M. de Celorico de Basto
Apoio do programa LEADER I

Praia Fluvial das Casas Novas

Casas Novas. Cerva, Ribeira de Pena

Aproveitando um magnífico açude de pedra no rio Louredo, junto à Vila de Cerva, esta Praia fluvial aproveita uma zona tradicional de banho. Possui uma grande extensão que possibilita a utilização de barcos de recreio.

Está dotada de zona para crianças, parque ed estacionamento, sanitários, recolha de lixo e tem apoio de bar na época de verão.

Acesso: A partir da Vila de Cerva, caminho municipal para as casas Novas.

Promotor: Junta de Freguesia de Cerva

Apoio do Programa LEADER I



foto: DUECEIRA

A DUECEIRA enviou-nos, como colaboração para o Pessoas e Lugares, o texto que a seguir reproduzimos e que dá conta de uma iniciativa de Turismo Rural apoiada por aquela Associação. Ao dar lume à colaboração, não podemos deixar de saudar a circunstância de ela ser feita na "primeira pessoa". Ser o promotor a falar do seu sonho e do seu suor é uma perspectiva que aqui queremos saudar. Agradecendo à Associação pela lembrança e aos autores pelo testemunho.

"Casais do Termo" um projecto sonhado

Falar de "Casais do Termo"...
Relembrar as dificuldades e os apoios conseguidos...
Evocar a vontade e persistência que transformaram a ideia em realidade...
Fazer o ponto da situação do projecto e perspectivar-lhe o futuro...

Serão estas as linhas fortes deste texto, que queremos sirva de incentivo, mas também de aviso, para quantos vivem em aldeias dispersas e muitas vezes esquecidas do interior do País e ousam sonhar o seu desenvolvimento.

Em 1991 estávamos em Angola, como cooperantes, participando num projecto de desenvolvimento rural integrado. Convivíamos assiduamente com técnicos suecos do Programa Alimentar Mundial. Trocávamos ideias e discutíamos assuntos, que invariavelmente nos levavam a falar de nós e da nossa terra.

Deste convívio nasceu a ideia de lançarmos um projecto de turismo rural na zona onde havíamos nascido. O conceito de turismo rural era, ao tempo, muito difundido na Suécia e acreditámos que em Portugal haveria também alguma receptividade e apoio para iniciativas semelhantes.

Regressados ao nosso País, em 1992, iniciámos o processo em dois níveis: **Melhoramentos das condições para implantação do projecto e contactos para obtenção de apoios.**

• Princípios para adquirir terrenos confor-
nantes com os nossos que permitissem formar parcelas com alguma dimensão. Hoje possuímos dois terrenos, que distam entre

si cerca de 400 metros e têm respectivamente 1 hectare e 7 hectares.

- Plantámos árvores nos terrenos com aptidão agrícola e nos terrenos com aptidão florestal. Hoje temos 25 espécies diferentes de árvores de fruto e inúmeras espécies de árvores florestais.
- Catalogámos as plantas, ervas e flores existentes e tradicionalmente referenciadas como benéficas para a saúde.
- Melhorámos a produção de vinho e iniciámos a fabricação de alguns licores e xaropes.
- Iniciámos a criação de animais em liberdade sem consumo de rações ou aditivos químicos alimentares.
- Princípios experiências no controlo de doenças e pragas das árvores de fruto que nos permitem, hoje, uma redução significativa do número de pulverizações com utilização praticamente circunscrita à calda bordalesa. Estamos em condições de garantir que os nossos frutos podem ser consumidos directamente das árvores sem qualquer perigo.

Estas iniciativas foram desenvolvidas ao longo dos últimos sete anos. Tem sido um processo moroso e difícil, inicialmente incompreendido ou observado até com muita reserva pela maioria dos nossos interlocutores.

Falar de "Casais do Termo" é hoje bem mais fácil...

A realidade fala por nós...

Embora algo cansados, sentimo-nos ainda plenos de entusiasmo e com vontade de continuar o projecto, optimizando as condições já existentes e contribuindo, pelo exem-

pio e pela participação, no desenvolvimento endógeno e sustentado da zona em que estamos inseridos.

"Casais do Termo" é um projecto aberto. Aberto a todos quantos nos visitam e com quem partilhamos ensinamentos, experiências, entusiasmos e vontades.

Sobre os contactos desenvolvidos entre 1993 e 1997 para obtenção de apoios não iremos falar muito. Diremos apenas que é necessário ter a certeza do que se quer fazer, ter muita persistência e força de vontade e também alguma dose de sorte. Direi ainda que não foi uma experiência agradável de recordar.

Em 1997 contactámos o Programa Leader/ELOZ. Entre Lousã e Zêzere. Trocámos impressões com as pessoas que estavam à frente do Programa e apercebemo-nos de que finalmente havíamos encontrado alguém que entendia a nossa linguagem. O processo passou rapidamente da fase de apresentação para a fase de análise e de seguida tivemos a enorme alegria de receber a notícia da sua aprovação.

Devemos salientar que o acompanhamento e apoio, que desde o início nos têm sido dispensados pelos técnicos/as do Programa Leader Eloz, têm sido fundamentais para o desenvolvimento do projecto que estamos a implantar.

"Casais do Termo" possui para além das características já mencionadas:

- Três casas, reconstruídas em xisto, dispersas em meio rural e totalmente equipadas.
- Circuitos pedonais e de todo o terreno.

- Um sistema de bombagem de água por força eólica e
- todo o prazer de uma exploração agrícola tradicional, ecologicamente equilibrada.

Dentro da perspectiva de optimização do nosso projecto, temos como objectivos imediatos:

- Continuar o ordenamento e beneficiação dos nossos terrenos.
- Construir uma piscina sem tratamento químico e
- Efectuar a limpeza e beneficiação duma nascente com queda de água e encaminhamento da mesma para uma pequena lagoa a construir.

Dentro da linha de pensamento que expressamos no início do texto gostaríamos de deixar duas últimas ideias.

Olhar para trás e recordar o que já construímos é, para além de outros, um bom exercício para ultrapassar obstáculos. E, são seguramente muitos, os que condicionam qualquer projecto de Turismo no Espaço Rural.

Promover um projecto deste género implica muito trabalho e a força necessária para nos pormos de pé, mais fortes e persistentes, logo a seguir a cada dia em que desanimamos. Para que isso possa acontecer é fundamental que acreditemos plenamente naquilo que estamos a fazer!

Olinda e Domingos Luis
Casais do Termo, Carreira, Pedrogão Grande



COMIDA DE CHEIROS. ALENTEJO

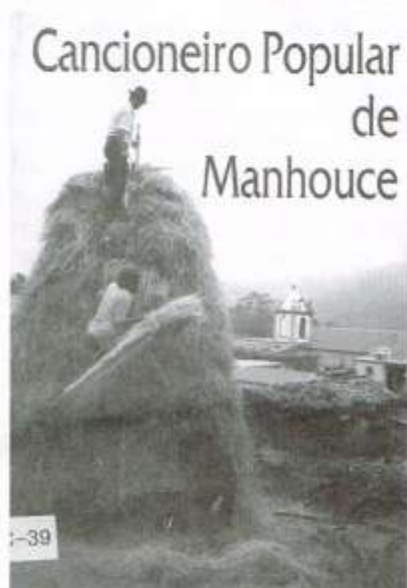
Coordenação de Leonel Brito, Câmara Municipal de Castelo de Vide, 1999

Com o apoio do Programa LEADER II / ADER-AL

"O que o povo alentejano come, os alimentos que escolhe, os temperos que usa, a maneira como os prepara, as predileções do seu paladar, a sua culinária, em suma, constitui um dos traços mais importantes para a caracterização da sua identidade." (Do prefácio)

"O objectivo central da edição do livro está muito vocacionado com a evocação da figura ímpar da cultura e ciência que foi Garcia d'Orta, um alentejano de Castelo de Vide [...] e está basicamente centrado nas plantas e ervas aromáticas do norte Alentejano, dando assim a conhecer um conjunto de exemplares da flora botânica existentes, a partir de referências e receitas gastronómicas locais." (Da Introdução)

Uma edição muito cuidada de 150 páginas profusamente ilustradas, que apresenta uma mão cheia de receitas alentejanas, incluindo licores, fichas cuidadas dos Produtos Tradicionais do Norte Alentejano e um útil Glossário de Plantas, acompanhado das respectivas gravuras exemplificativas.



CANCIONEIRO POPULAR DE MANHOUCE

Isabel Gomes Silvestre, Saúl Silva Costa e António José Boavida, edição de autor, 1994

As vozes e os cantares de Manhouce tornaram-se bem conhecidos em todo o país mercê do trabalho do Grupo Etnográfico de cantares e Trajes de Manhouce e do Rancho Folclórico da casa do Povo de Manhouce, bem como da voz inimitável de Isabel Silvestre.

Esta obra tem o condão de fixar, em notação musical convencional muitas das expressões musicais das gentes de Manhouce.

"Só os lavradores ou os poetas sabem, ou sentem, para além de toda a ciência botânica e zoológica, o que a flor quer dizer, quando sem razão e sem porquê, se abre simplesmente à luz do sol [...]. As Ciências poderão rir-se de todas estas infantis interrogações, mas não conseguirão jamais desvendar os seus mistérios. Pois a Ciência só consegue explicar aquilo que nunca foi capaz de compreender. O Povo pode não saber dar pseudo explicações racionais de tudo isto. Mas sente, cantando, profundamente tudo isto. E sentir é muito mais do que saber."

São mais de uma centena de canções populares acompanhadas da respectiva transcrição musical e de algumas fotos da vivência de Manhouce.



MARGEM ESQUERDA DO GUADIANA. AS GENTES, A TERRA, OS BICHOS

João Mário Caldeira, Contexto, 2000

Com o apoio do Programa LEADER II / Rota do Guadiana

Na obra "...sobressai a abordagem etnológica, procurando destacar costumes e modos de estar das populações sem escamotear os problemas de ordem social e económica que desde há muito a [Margem Esquerda do Guadiana] afligem. Quando vem a talhe de foice recorre-se à interpretação histórica se os assuntos remetem para um passado mais remoto. Juntam-se ainda dados sobre o meio ambiente chamando ao palco bichos e plantas que na região convivem com o homem. Neste contexto fazem-se referências à pesca do rio e à venatória que aqui se destacam como actividades muito estimadas".

Uma obra empenhada onde a informação cuidada se mistura com a poesia e com a paixão pela terra natal. Porque "o alentejano tem para com a sua terra uma relação de amor-ódio que é apanágio das verdadeiras paixões".

Nada melhor do que conhecer uma terra pelos olhos apaixonados dos seus filhos!



<http://www.aproder.com>

Este endereço electrónico leva-nos à página de apresentação do **Festival da Tradição - Encontro Ibérico de Jogos e Desportos Tradicionais e Feira Nacional de Artigos e Produtos Tradicionais**. Este festival é organizado pela APRODER, em conjunto com o Centro Nacional de Exposições de Santarém, com o objectivo de promover os Jogos e Desportos Tradicionais e os Produtos e Artigos Tradicionais ligados ao mundo rural

A apresentação inicial é feita com um convite digital, mas dirigido a todos, ao qual se segue a página principal onde é apresentada a informação acerca das actividades, horários, espectáculos e regulamentos de um concurso dirigido aos mais jovens, que tem como tema os jogos tradicionais.

Pela escolha das "peças" que fazem parte da "caixa de jogos tradicionais" virtual, são mostradas todas as áreas de animação que vão desde a gastronomia, artesanato, folclore, fado, fogo de artifício e, claro, os jogos tradicionais.

Com o convite feito e tendo em conta que a entrada é livre, não há razão perder este evento.



<http://www.ecomuseu.org/>

O site <http://www.ecomuseu.org> é a porta virtual de entrada no Ecomuseu Rural das Serras do Algarve. Este espaço foi criado a partir de um esforço conjunto da Associação IN LOCO e da Região de Turismo do Algarve com os objectivos de promover e valorizar o património cultural e natural ligados ao mundo rural algarvio. Pela importância que o turismo tem nesta região, o fio condutor deste projecto é o turismo sustentável onde o Ecomuseu desempenha um papel de ligação entre os diferentes territórios e comunidades para criar uma "Identidade Cultural do Interior Rural Algarvio".

As possibilidades de pesquisa são múltiplas, podendo recorrer a um mapa on-line (a esta altura em remodelação técnica), e optar por diferentes níveis de detalhe, que vão desde o "Concelho" até ao "Lugar", podendo escolher uma lista de assuntos muito variada que cobre todas as áreas de interesse ligadas ao "turismo sustentável". É um site a "visitar" para quem está a pensar fazer férias por estas paragens.



<http://www.leaderii.ie/>

Esta é a página da Internet, que representa o programa LEADER, apresentada pelo Departamento de Agricultura, Alimentação e Desenvolvimento Rural irlandês. Com uma apresentação muito simples e técnica, este site contém a informação relativa aos 37 grupos que constituem a rede LEADER da Irlanda.

Outros dados importantes encontram-se distribuídos na lista lateral de itens de consulta. É de destacar a comunicação "LEADER newsletter", publicada de dois em dois meses, com o objectivo de informar os grupos de eventos e outras questões relacionadas com o desenvolvimento rural. Esta publicação pode ser consultada, em conjunto com bases de dados relativas a projectos, relatórios de seminários e grupos de trabalho. No item "reference", de carácter mais genérico, pode ser encontrada informação muito variada, que vai desde as regras de funcionamento do LEADER II até às directrizes relativas ao LEADER+, bem como um ligações a entidades relacionadas com o desenvolvimento rural espalhadas pela Europa.

Sendo essencialmente um site informativo, pode ter grande importância para quem procure informação sobre desenvolvimento rural.

auto-estima sem férias e as "pedras do desenvolvimento local"

Na lista de correspondência que dá pelo nome de DLR e que circula nas "auto-estradas" da informação para prazer, informação, formação e solidariedade do movimento do desenvolvimento local português, surgiu em finais de Julho o texto que agora publicamos com o agradecimento ao autor, o Dr. Luis Moreno.*

Caros,

Muitos ainda não partiram para férias. Outros já partiram mas não de regressar, esperemos que bem (melhor)...

É a propósito das "férias" e da necessidade de que as ditas constituam um período de restabelecimento, logo de (re)valorização pessoal, para melhor enfrentar o dia-a-dia do Desenvolvimento Local (DL), que venho fazer um comentário (espero que provocador ou mesmo incomodativo) a propósito do livro "para a juventude adolescente feminina" (adiante entender-se-á o porquê das comas):

NAIK, Anita (1997) – Respeita-te a ti própria! (Sê a tua melhor amiga). Lisboa, Gradiva Júnior, Col. Miúda Fixe, 1ª ed., 1998, 136 p. [trad. do inglês Respect Yourself! – Be your own best friend].

Como as referências da obra indiciam, e uma leitura confirmará, trata-se de um livro afirmadamente coloquial e até deliciosamente (desavergonhadamente, dirão alguns) iconoclasta. Joguei-lhe a mão ao passar os olhos por uma prateleira da minha filha (o rosa forte da lombada não passava despercebido) e coscuvilheiro (como é próprio de alguns geógrafos, historiadores, jornalistas e outros...) tratei logo de me inteirar que última obra desconhecida (de mim) teria ela comprado com o dinheiro da "mesada".

Consegui dar uma rápida leitura em diagonal, o suficiente para me pôr a pensar nas férias... Em tantas férias que se mostram desiguais, especialmente entre os menos endinheirados, quando as "tarefas de férias" continuam a ser desigualmente repartidas dentro de cada família. Quantas vezes a "cultura do mainstream" do tempo de trabalho não se prolonga pelo período do lazer, fazendo com que alguns sofram de sobrecargas? Preparação de refeições, lavagens / limpezas, cuidar das crianças (valorizá-las?), etc. Talvez certos sacrifícios deixem tempo disponível para que o parceiro (será? talvez cónjuge seja mais correcto) "cuide mais do neurónio português"... deixando a "neura" para quem segue a tradição ou a normalidade (mas talvez uns "mereçam mais férias" que outros; cada um saberá dizer...).

Quebro a divagação sobre as férias dos que não seguem os princípios da parceria no quotidiano para tentar responder à questão: mas o que têm ESTAS "férias" a ver com o conteúdo do livro e com o DL?

Bem, a grande mensagem do livro é a afirmação da necessidade da AUTO-ESTIMA. «Respeita-te a ti própria!» explica que respeitar-se é valorizar-se, emancipar-se, dar-se ao respeito, que podemos assimilar ao processo de assumir responsabilidades, exercendo TRABALHO e RELAÇÕES DE TRABALHO (em sentido lato) que sejam socialmente – e familiarmente (é na família que começa a sociedade) – RESPEITADOS.

A questão de o livro parecer declaradamente dirigido ao público feminino não é relevante, a não ser se pensarmos nos obstáculos que sempre se colocaram às nossas mães para que o seu esforço fosse devidamente considerado, se não na família pelo menos no acesso às oportunidades de valorização económica e social. E pensamos que a luta pela igualdade (igualdade, em termos de acesso às oportunidades...) continua a ter razão de ser...

Ora todos sabemos que o ganho de auto-estima é reconhecidamente inerente ao processo de DESENVOLVIMENTO, já

que este tem de ser sempre pessoal. Só com DESENVOLVIMENTO PESSOAL se pode trabalhar simultaneamente o TERRITORIAL. O DL afirma-se como uma via privilegiada para que este processo dialéctico se efectue de forma SUSTENTÁVEL. A pessoa recebe do meio (família, comunidade, economia e território) os estímulos que precisa para se dotar (desenvolver, libertar-se de entraves ao seu potencial) e investe (semeia, aplica trabalho) nesse meio para o dotar da capacidade estimulante para uma sentida e durável qualidade de vida. Idealmente...

Mas realmente há meios desfavorecidos... e que o serão ainda mais se as pessoas não puderem dotar-se da auto-estima que a educação portuguesa (formal e informal) ainda tende a travar. O assunto levar-nos-ia para uma discussão nos domínios da educação – que defendemos como (inter)ACTIVA – que encerra múltiplas dimensões: educação cooperativa, educação para o desenvolvimento / ordenamento, educação ambiental, educ. geográfica, educ. cívica, etc. Em qualquer caso, entendemo-la globalmente como a preparação do indivíduo para intervir criativa, autónoma e responsabilmente na comunidade, ou seja, a "amplificação dos estímulos do meio" para a capacitação no sentido de responder sustentavelmente às necessidades individuais e sociais de qualidade de vida.

Mas onde pretendo chegar depois destes meandros, talvez "pomposa e pretensiosamente sisudos", é a uma resposta pessoal (?) a uma questão "antiga" de um muito prezado colaborador do DLR (mensagem de 23-02-2000): «Quais são as pedras grandes do desenvolvimento rural em meio local?». Trata-se da alusão a uma história metafórica com moral, anteriormente divulgada, que explica que só depois de colocar primeiro umas PEDRAS GRANDES num frasco, todo o material de tamanho inferior viria a caber depois nos espaços intersticiais, incluindo areia e água. Se começasse por material mais fino, seria improvável conseguir preencher o frasco com todo o material, ficando várias pedras grandes de fora. E a metáfora queria fazer representar o frasco pela nossa vida e as PEDRAS GRANDES como os nossos FILHOS que, portanto, deveriam estar primeiro que tudo o resto...

Ora a tal resposta pessoal (mas não exclusiva...) é que as PEDRAS GRANDES do DL (em meio rural ou não) têm de ser mesmo as crianças. A prioridade do DL tem de ser o investimento nos jovens, significando isso a lenta e continuada atenção dispensada aos nossos filhos e aos outros que com eles convivem, favorecendo a sua aquisição de auto-estima, entre outros factores de autonomização / emancipação. Só com o elevado auto-respeito (auto-segurança, limitação dos complexos e da insegurança psíquica) temos promovido o respeito pelos outros (respeito pelo ambiente, um todo natural e cultural, respeito pelo meio), que se associa à boa inserção social, à capacidade crítica sobre as verdadeiras necessidades sociais, à consciência ecológica. E tornar os jovens exigentes em qualidade, exigindo-a aos pais e a outros membros da comunidade, tem de ser visto como algo positivo, na medida em que só pode exigir quem é exigente consigo próprio (entendimento essencial).

Dessa actividade fundamental (suscitar a razão e a qualidade, no quotidiano) tem de sobrar tempo para todas as outras (e não o contrário).

Ou seja, temos de resistir àqueles que nos impõem a "cultura acrílica do trabalho" (do negócio, em detrimento do ócio) e a extrema especialização. Aceitar passivamente que o ritmo da produção massificada (agricultura, indústria, serviços)

controle as nossas vidas significa a restrição de perspectivas sobre o viver. Tanto o trabalho dependente como a dependência do trabalho significam também que nos impõem a sofreguidão pela aquisição de meios para um consumo sobretudo material (sociedade "do ter" e não "do ser"). Assim, uns "açambarcam" trabalho – trabalhar mais horas para mais dinheiro (que parece menos) – para gastar naquilo que é promovido pelos grandes interesses dos reprodutores do capital. A um ritmo semelhante, tantas vezes se desrespeitam os interesses variados dos miúdos, apenas pelo sentido "dever paternal" de concentrar o "incentivo" no "estudo oficial" (ou na via da preceito "caça ao dinheiro", entre os mais desfavorecidos) para ultrapassar o colega e "triumfar na vida". Com uma estreita perspectiva funcionalista e urbano-centrada da educação, contraria-se a diversidade de estímulos individuais (tantas vezes de uma forma coerciva que diminui a auto-estima), com a mesma lógica com que o sistema civilizacional tem limitado "outras diversidades": cultural, económica, ambiental...

Desta forma consegue-se "(dis)torcer" vários bens sociais "de uma cajadada só": 1) as crianças são (demasiado) confiadas aos "aparelhos educativos especializados", mais ou menos carentes de extra-curriculos, e/ou a ocupações e lazeres de oportunidade, em vez de uma maior proporção do tempo em partilhas / confrontos de ideias e de valores; 2) o trabalho, quase monopolizado pelos que o endeusam, fica indisponível para os que engrossam o desemprego e as actividades de recurso, incluindo as marginais / ilegais, o que é uma situação reprodutora de baixa auto-estima e exclusão (ameaça que os "bem nutridos" pagam, desconsoladamente, em bens próprios e em impostos); 3) as férias, para quem as tem, são ainda sobretudo fornecidas em pacotes rígidos, arrumados (no tempo e no espaço), quais "pilulas prontas-a-engolir", em vez de haver uma gestão autocentrada do tempo para ócio e lazer (à medida das necessidades psicofisiológicas).

Defende-se aqui que a resposta a estes problemas (apenas alguns) passa pela "construção da Utopia", ou seja, pela (investigação) prática do DL, do desenvolvimento pessoal ao comunitário, pela reflexão-acção sobre o quotidiano, esta participada por jovens e adultos, com respeito multilateral (próprio das parcerias naturais), sem distinções artificiais (ex: critérios de idade, (in)actividade ou de pressuposta "maturidade"...). Para além da dinâmica de âmbito institucional, o DL tem de ser também uma prática pessoal diária e o nosso meio e o planeta são demasiado importantes para que só alguns sejam implicados na sua (re)valorização...

Acredite-se ou não, um dos instrumentos para que isto seja possível é o LIVRO («leia livros», entre os quais aqueles que o motivam para acreditar (mais em si próprio...), o que presuppõe disponibilização de TEMPO, não limitado a férias (grandes) mas sim a tempo repartido de ÓCIO e LAZER. Leia (dê o exemplo) e confronte criticamente o conteúdo da obra com o seu mundo tangível (mesmo que tenha de se "esticar" para efectuar essa ligação)...

Abraço

Luis Moreno
lmoreno@fc.ul.pt

*Luis Moreno é Mestre em Geografia Humana e Planeamento Regional e Local, Assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro da Direcção da Animar.



Fomos publicando, ao longo dos 11 números do Pessoas e Lugares já editados, fichas de apresentação das quarenta e oito associações que, em Portugal, gerem o Programa LEADER II. As fichas firm feitas na sequência dos nossos contactos como Célula de Animação, procurando produzir uma informação sintética sobre a estrutura e intervenção da associação, adoçada pelo resultado de um contacto pessoal, sempre estimulante.

Mas a Célula de Animação, ao longo do seu trabalho de animação da Rede LEADER portuguesa, foi encontrando e conhecendo outras Associações que, não sendo LEADER, trabalham o desenvolvimento local e têm um papel muito importante na afirmação dos seus territórios e comunidades.

Decidimos, por isso, dar continuidade à publicação de fichas de Associações de Desenvolvimento, ao ritmo de duas por número, reproduzindo assim o muito material que entretanto fomos recolhendo. Para este número escolhemos duas associações: a Suão e a Terramar. Publicamos apenas a primeira porque o material da Terramar, que estava a ser preparado pela Rosário Aranha, não ficou pronto a tempo, por motivos de que damos nota na página dois. Fica para a próxima...

Na freguesia de S. Miguel de Machede, a poucos quilómetros de Évora, existe uma associação chamada Suão.

O dicionário diz que suão é "vento do Sul" e, de facto, a Suão é uma lufada de ar fresco quando se trata de falar de associações de desenvolvimento local. Diferente na forma e no conteúdo, a Suão foi fundada em Março de 1998 por um grupo de micalenses preocupados com o futuro da sua terra.

Um deles é José Bravo Nico que preside à associação. Depois de concluir o curso decidiu não seguir o exemplo de tantos outros que abandonaram a vila, e ficou. E entre uma e outra aula na Universidade de Évora, onde é professor, José Bravo Nico lançou-se num projecto que é hoje o orgulho de todos os micalenses.

Ponto de partida: uma realidade igual a tantas outras por este país fora. Uma vila com cerca de mil habitantes, maioritariamente idosos, ameaçada pela proximidade da cidade mais próxima, entregue aos caprichos do tempo e aos desígnios dos deuses. Os mais novos vão e raramente voltam. Ficam os mais velhos. Em apenas 25 anos a população diminuiu 30%. No último ano lectivo apenas duas escolas abriram as portas. A indústria é quase inexistente e a agricultura aparece em reduzida escala. É no sector dos serviços que a maior parte da população se encontra.

É mais ou menos com estas palavras, e números, que José Bravo Nico retrata S. Miguel de Machede. Numa tela minimalista uma pincelada bastaria: "Somos, cada vez mais, um dormitório da cidade de Évora".

É neste ambiente de descrença que nasce a Suão. "Como um momento simbólico que marca o despontar de uma vontade de contrariar o declínio da nossa comunidade e de lhe devolver a esperança no futuro".

No papel a Suão é uma instituição particular de solidariedade social que tem por objecto promover o desenvolvimento integrado da freguesia de S. Miguel de Machede. Na prática, e pegando nas palavras do seu principal mentor, "é um espaço e um tempo onde se concretizam e materializam valores como a solidariedade, a igualdade de oportunidades, o diálogo inter-geracional e a liberdade. Principalmente a liberdade de decidirmos o nosso próprio futuro, enquanto comunidade".

É à volta desta peça – a comunidade – que todo o puzzle (leia-se Suão) tem vindo a ser construído. Milhares de peças, de variadas cores, formas e calibre, vão surgindo por cada dia, hora que passa.

Para o presidente da Suão, "a comunidade é a peça mais sensível e mais extraordinária do mundo rural alentejano. Viver em comunidade é possuir uma vida com

dimensões muito mais ricas que viver simplesmente no espaço rural". E "qualquer tipo de desenvolvimento terá de assentar nesta base ecológica e social: a comunidade". E "porque não faz sentido o desenvolvimento local se este não assentar nos núcleos comunitários existentes" é que a Suão é uma associação de desenvolvimento comunitário.

Foi esta a grande aposta da Suão e é por aqui que tudo começa. Porque "somos nós, que vivemos na nossa comunidade que temos de encontrar as soluções para os nossos problemas". Esta é a perspectiva de desenvolvimento de José Bravo Nico e dos seus colegas da Suão. "Só teremos futuro se conseguirmos conjugar os verbos na primeira pessoa do plural".

Porque os conceitos são abstractos (vá lá o senhor professor explicar àquela gente de S. Miguel de Machede o que é desenvolvimento) a associação criou a Escola Comunitária de S. Miguel de Machede. É em torno desta estrutura que giram todas as actividades da Suão, e que são muitas. A saber: uma biblioteca, um museu, um grupo de cante tradicional alentejano e outro de teatro, o gabinete da papelada, um centro comunitário onde existe uma loja do trabalho, um jornal e muito mais. Em todos estes projectos existe uma finalidade transversal: promover oportunidades para as pessoas aprenderem algo. É a chamada educação ao longo da vida, diz José Bravo Nico.

Projectos que vão surgindo todos os dias, entre um e outro serão e que encontram na comunidade mãos e pernas para pôr no bom caminho. São estas mãos, sempre prontas, que marcam a diferença na Suão. Uma equipa de 30 voluntários será talvez o património mais valioso da associação. Constituem encargo da associação (apenas) três funcionárias: duas bibliotecárias e uma animadora local de emprego. As magras fontes de receita levam a imaginar que mais também não permitiram.

Para além do apoio do programa LEADER II, através do agrupamento Monte, a Suão tem tido algumas ajudas institucionais, nomeadamente do Instituto do Emprego e Formação Profissional, do Instituto Português da Juventude, da Fundação Calouste Gulbenkian, Câmara Municipal de Évora, Governo Civil da mesma cidade e da Junta de Freguesia local, mas tem sido a população a principal fonte de financiamento da associação. O presidente da associação justifica. "Apesar deste carácter aberto, voluntário e gratuito de tudo o que fazemos, tem sido a população a nossa principal fonte de financiamento, através dos donativos que nos faz chegar". Sobre esta questão dos apoios, o presidente da associação sublinha que a Suão não é "subsídio-dependente". Acrescenta ainda que "gostam de ser parceiros em projectos concretos que melhorem a qualidade de vida da nossa comunidade" e que "a colaboração quer com a Junta de Freguesia, quer com a Câmara é boa".

Com a população, seja pelo facto de todas as actividades serem gratuitas e não existirem quaisquer distinções entre sócios (cerca de 60) e não sócios, seja pelos elevados níveis de participação nas mesmas, "a relação da Suão com as pessoas tem sido extraordinária".

Um dos projectos que teve muita receptividade foi o já referido Gabinete da Papelada destinado a auxiliar os mais idosos a tratar de assuntos de índole burocrática como pensões de reforma, pagamento de impostos, consultas, segurança social, sem terem de se deslocar a Évora.

Mas aquela que talvez tenha despertado mais interesse na comunidade local, e não só, foi uma ideia tão simples quanto engenhosa: pôr os micalenses a ler. Nasce a Biblioteca Comunitária de S. Miguel de Machede. Depois de ultrapassado o primeiro obstáculo – o analfabetismo, através de um curso de alfabetização de adultos, a Suão avançou para a distribuição, diária e gratuita, de jornais a todos os lares de S. Miguel de Machede. Uma iniciativa só possível de concretizar graças ao apoio do jornal "Diário do Sul" com a oferta de alguns exemplares, que ainda assim obrigou a associação a engendrar um engenhoso esquema de distribuição rotativa e, principalmente, às ardinas que se ofereceram para o efeito. Resultados práticos: uma vila inteira a ler e um prémio de âmbito nacional – "Leitura Solidária 1998-99".

Hoje, um ano depois, o balanço é este: "O prémio "Leitura Solidária" representou uma mensagem de grande auto-estima para o interior de todos os micalenses. Pela primeira vez na história da nossa vila ficámos em primeiro lugar a nível nacional em qualquer coisa. Foi algo de que todos na Suão nos orgulhamos".

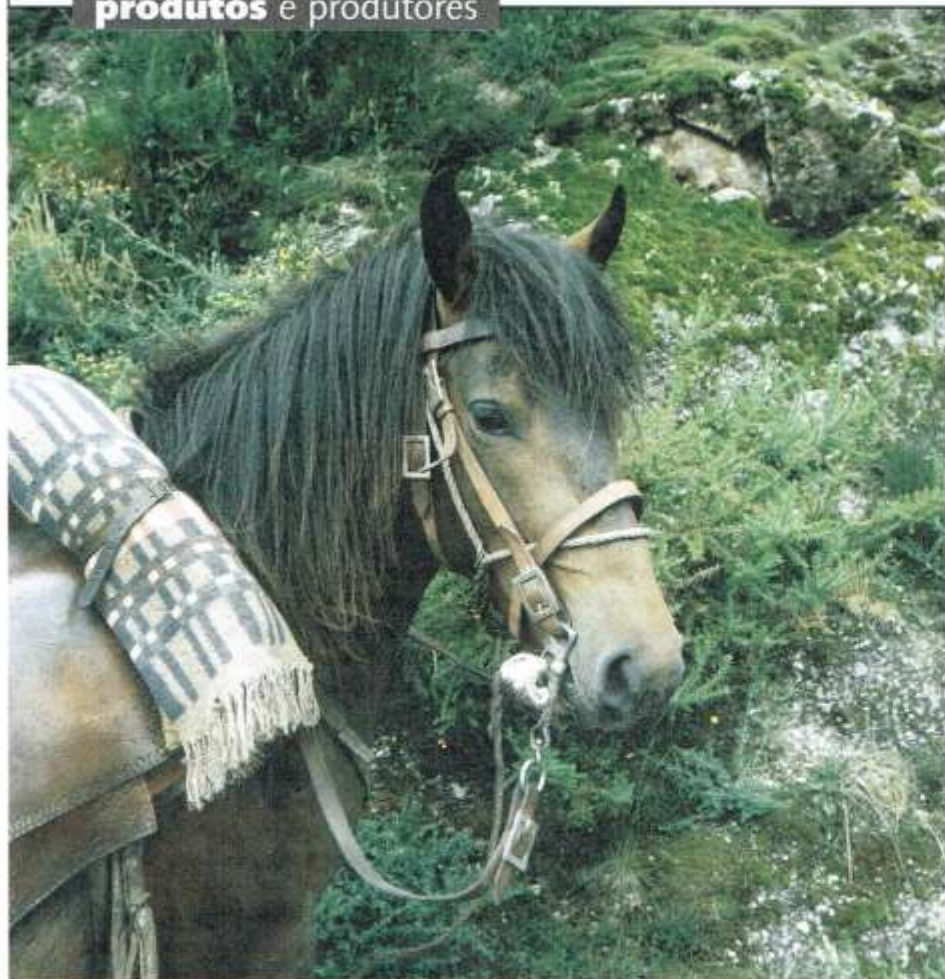
Com este prémio, a Suão saltou para os jornais e telejornais nacionais, despertou a curiosidade de críticos e outros letrados, como Eduardo Prado Coelho, que não resistiu a falar da Suão na sua crónica habitual no "Público", e encheu de orgulho esta comunidade Alentejana. Mas talvez mais importante que tudo isso, e José Bravo Nico disse isto muitas vezes aos jornalistas, este prémio pôs S. Miguel de Machede no mapa. Um lugar de onde ele espera nunca ver desaparecer a sua terra.

Porque afinal é para isso que existe a Suão. Para "tentar que os mais jovens aqui queiram ficar, construindo as suas casas, constituindo as suas famílias, tendo os seus filhos, criando os seus empregos. Tentar que os mais idosos sintam que continuam válidos para contribuir na construção do futuro". Numa palavra, "ter futuro na nossa comunidade". Esta é a luta da Suão. Este é também o desejo de José Bravo Nico.

Paula Santos

ficha técnica

nome: SUÃO – Associação de Desenvolvimento Comunitário | morada: R. de Évora, 7 – 7000-130 S. Miguel de Machede | telefone/fax: 266 987479
equipa técnica: José Bravo Nico (presidente da direcção), Maria Gertrudes Lino (vice-presidente), Ana Paula Rêgo, Ana Maria Rebocho e Luzia Maria Sardinha.



Venho do fundo dos tempos; / Vivo na Península Ibérica há milhares de anos; / Gente entendida diz que eu sou de origem celta.

Fui lusitano quando montado por Viriato e Sertório; / Recebi elogios dos escritores romanos; / Galopei os caminhos de Bracara Augusta a Roma.

Acompanhei Afonso Henriques na fundação de Portugal; / Trotei o percurso português dos Caminhos de Santiago; / Nunca ajoelhei diante das pedras dos maus caminhos.

Ajudei a plantar o pinhal das "naus a haver"; / Embarquei nas naus em busca de novos mundos; / Fui montada de médicos, padres, nobres e gente do povo.

Sou o mais velho de meus irmãos; / Do cavalo do monte da Galiza, do Asturcón das Astúrias, do Potrok Basco, / Do Losino de Burgos, do Bardigliano de Itália, do Exmoor da Grã-Bretanha.

Diz-se que sou o mais perfeito dos irmãos. / O certo é que sou o mais pobre por ter por morada o relento / E o mais resistente por conseguir sobreviver perseguido e abandonado.

Vivi sempre em liberdade; / Sou o cavalo do povo do Minho; / Sou o milenário Garrano.

Adelino Gouveia em "Os Milénios do Garrano"

OS MILÉNIOS DO GARRANO

O Museu de Vilarinho das Furnas nunca tinha albergado uma sessão tão concorrida. Mais de cem pessoas deslocaram-se dia 23 de Julho ao Parque da Peneda Gerês, atraídos pelo Garrano e por um sonho lindo que há anos tem vindo a ser construído nas terras montanhosas do Minho - recuperar e dignificar uma raça que resiste ao esquecimento dos homens e à cada vez mais acentuada alteração das condições naturais.

Disseminado por uma vasta zona que vai de Valença a Cabeceiras de Basto e de Viana do Castelo à Montalegre, o Garrano mantém a sua indomável liberdade, sendo utilizado ainda por algumas comunidades de montanha como auxiliar nas diversas actividades agrícolas.

De há anos a esta parte, alguns apaixonados pela nobreza, liberdade e resistência deste animal, têm vindo a construir o edifício da sua revalorização como auxiliar no trabalho e como suporte de actividades de lazer. A Associação de Criadores dos Equinos de Raça Garrana criou o respectivo Livro Genealógico e, com ele, as condições indispensáveis ao melhoramento da raça e à sua promoção no mercado interno e externo. E já existem hoje, ao longo do ano, 14 Feiras, Exposições, e Concursos de modelos e andamentos da raça Garrana que garantem a mobilização de criadores e simpatizantes deste animal.

Mas o motivo que reuniu esta pequena multidão no Museu de Vilarinho das Furnas

numa tarde chuvosa e agreste de Julho foi o lançamento do livro "Os Milénios do Garrano", uma edição da ACERG, de um irrepreensível cuidado gráfico, que faz jus aos objectivos dos editores: contribuir para a defesa da biodiversidade, apoiar os produtores e homenagear os criadores do Garrano.

A partir de agora, dispomos de uma obra que divulga o padrão da raça garrana e que compila 16 textos apaixonados sobre este animal, desde a sua história, à sua componente social, ao seu enquadramento regional, ao seu envolvimento mítico. Dezasseis personalidades foram convidadas a dar o seu testemunho, no que resultou um mosaico extremamente interessante de abordagem de um tema. Personalidades muitas vezes mediáticas e que, à partida, não se imaginavam envolvidas no sonho e no mito do Garrano: D. Duarte Pio, o Duque de Bragança; D. Eurico Dias Nogueira, o Arcebispo Emérito de Braga; Luís Braga da Cruz o Presidente da CCRN; Pedro Bacelar Vasconcelos, ex-Governador Civil de Braga; Vítor Barros, o Secretário de Estado da Agricultura e do Desenvolvimento Rural. Junto com muitas outras personalidades, ligadas a instituições ou a sectores de investigação que "tocam" a raça Garrana. E que primaram em estar presentes na ocasião do lançamento, assistindo igualmente a uma demonstração das potencialidades da raça, assegurada por alguns criadores que se passearam no recinto exterior do Museu.

"Os Milénios do Garrano" são uma digna homenagem a uma das raças míticas da nossa identidade. E uma peça única para a sua difusão junto do grande público - a partir de agora o Garrano pode apresentar-se com dignidade face aos seus pares, em Portugal ou no estrangeiro. O "sonho" continuará a ser construído, a partir das montanhas do Minho até aos mais recônditos confins da raça humana...

Francisco Botelho

Os Milénios do Garrano é uma obra editada pela Associação dos Criadores de Equinos da Raça Garrana que teve o apoio do Programa LEADER II (ATAHCA).

Autores: D. Duarte Pio; João José Drumond de Oliveira Sousa; António Martinho Baptista; Isabel Carvalho e Nuno Ferrand; Paulo Valadas de Castro; Maria do Mar Oom; Maria Portas; José António Matos Vieira Leite; Rui M. P. Martins; Joaquim Cabral Rolo; João Filipe Figueiredo; D. Eurico Dias Nogueira; Pedro Bacelar de Vasconcelos; Maria Natália Faria Oliveira; Francisco José Torres Sampaio; A. Nuno Vieira e Brito; Adelino Gouveia; João Paulo Carneiro Ribeiro; Adelino Carlos Vilela Pereira Portela; Maria Inês de Vasconcelos; Mota Alves; João Costa Ferreira; António Campos Cêa; Adelino Gouveia; Luís Garcia Braga da Cruz; Vítor Coelho Barros.

Fotos de: Adelino Gouveia; Adriano Rangel; António Baptista; João Figueiredo; António Jorge Barros; Margarida Costa.



Ficha Técnica

Pessoas e Lugares
Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II
Propriedade:

INDE - Interooperação e Desenvolvimento, CRL

Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq.

1700-304 LISBOA

Tel. 21.8446595 | Fax. 21.8446623

Email. caleader@inde.pt

Site: <http://caleader@inde.pt>

Mensário

Director: Samuel Thirion

Editor: Camilo Mortágua

Chefe de Redacção:

Francisco Botelho

Editor Gráfico: Ana Alvim / Isto É

Redacção: Paula Santos;

Rosário Aranha

Colaboram neste número:

ALIENDE, ADIRN, ATAHCA, DUECEIRA, PROBASTO, ROTA DO GUADIANA, RUDE, Luís Chaves, Luis Alvarez, Luís Moreno, Olinda e Domingos Luís, Mohammed Cahid.

Paginação e pré-impressão:

Isto é, comunicação visual, lda

Rua de Serralves, 693-697

Apartado 1503

4107-001 PORTO

Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79

e-mail: isto-e@esoterica.pt

Impressão: Tipografia Silvas, CRL

Rua D. Pedro V, 122 - 1º E

1250-094 LISBOA

Número de exemplares: 4.000

Depósito Legal nº 142 507/99

Registo ICS nº 123 607

